

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS EM COMUNICAÇÃO: REFLEXÕES E RELATOS DE PESQUISA

ORGANIZAÇÃO
BRUNO KEGLER
GIBSY LISIÊ SOARES CAPORAL



**PERSPECTIVAS
METODOLÓGICAS
EM COMUNICAÇÃO:
REFLEXÕES E RELATOS
DE PESQUISA**

Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Reflexões e Relatos de Pesquisa

Santa Maria – RS, Brasil

Organização:

Bruno Kegler e Gibsy Lisiê Soares Caporal

Diagramação:

Camila Rodrigues Pereira
Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos
Luiza Dias de Oliveira

Capa:

Camila Rodrigues Pereira

Revisão:

Camila Rodrigues Pereira, Cleusa Jung, Felipe Boff, Gibsy Lisiê Soares Caporal, João Pedro Van der Sand, Johnny Ribas da Motta, Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos, Luiza Dias de Oliveira e Valmíria Balbinot

Revisão Final:

Bruno Kegler e Maria Ivete Trevisan Fossá

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor e autora. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor e autora.

P467 Perspectivas metodológicas em comunicação: reflexões e relatos de pesquisa / Bruno Kegler; Gibsy Lisiê Soares Caporal (Org.) – Santa Maria: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2022.
176 p. : il.

ISBN: 978-65-990723-5-2 (Digital)
ISBN: 978-65-990723-4-5 (Impresso)

1. Comunicação – Pesquisa. 2. Metodologia da pesquisa. I. Kegler, Bruno. II. Caporal, Gibsy Lisiê Soares. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. IV. Universidade Federal de Santa Maria.

CDD: 302.2

Ficha catalográfica: Diego Borba CRB10/1970

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financia parte dos (as) pesquisadores (as) que contribuem para a realização desta obra, em nível de pós-doutorado e de doutorado.

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que acolheu os (as) pesquisadores (as) que assinam capítulos neste livro, e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM/UFSM), onde foi realizada a disciplina que dá origem a este livro.

Ao Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), por acolher nosso projeto e entender que a sala de aula pode produzir conhecimento e que o compartilhamento das reflexões propostas neste texto entre as Instituições legitima e valoriza o trabalho dos docentes e discentes tanto da UFSM como do IFFAR.

Às professoras Liliane Dutra Brignol e Viviane Borelli, coordenadora e vice do POSCOM/UFSM, pela acolhida do projeto e incentivo a sua concretização.

À professora Maria Ivete Trevisan Fossá, pela elaboração do Prefácio e pela leitura crítica, tão qualificada e generosa que contribuiu de maneira fundamental para o resultado alcançado.

Aos (às) professores (as) do POSCOM/UFSM que orientam as pesquisas dos (as) doutorandos (as) que compuseram os capítulos do livro.

À professora e doutoranda Gibsy Lisiê Soares Caporal que, além de co-organizar o livro e ser autora de um capítulo, foi decisiva ao motivar e indicar os caminhos para a realização da coletânea.

Ao professor doutor Bruno Kegler, pelas trocas em sala de aula, por topar participar dessa empreitada, pela paciência e ensinamento.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Maria Ivete Trevisan Fossá	
Apresentação	10
Bruno Kegler	
A Comunicação de mãos dadas com a Etnografia	20
Camila Rodrigues Pereira	
Fazer etnográfico: experiências em um presídio e a transposição para a comunicação na internet	35
Luiza Dias de Oliveira	
Por onde começar a minha pesquisa acadêmica?	45
Cleusa Jung	
A entrevista em profundidade e os estudos em jornalismo	66
Felipe Boff	
A pesquisa documental como proposta metodológica para pesquisas em comunicação	77
Johnny Ribas da Motta	
Análise de Conteúdo: uma visão teórico-prática	96
Valmíria A. Balbinot	
Explorando a Grounded Theory (GT): um instrumento para as investigações na Comunicação	119
Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos	

**Estudo de Caso Qualitativo e sua aplicação para os
Estudos em Comunicação**

137

Gibsy Lisiê Soares Caporal

**Relato de experiência: utilizando análise de conteúdo
na fase exploratória de pesquisas sobre mídias sociais**

163

João Pedro Van der Sand

PREFÁCIO

Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá
Professora Titular da Universidade Federal de Santa
Maria

Vivenciamos na Educação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação – POSCOM- da UFSM, em 2021, o segundo ano de atividades remotas. Nossas práticas como professores e alunos se ajustaram ao ambiente da Covid-19 e com as estruturas de rede de informação, a partir do Sistema REDE, mantivemos a organização do ensino, da pesquisa, da extensão e da Pós-Graduação em funcionamento, mesmo com todos os desafios que o momento de pandemia evidenciou.

Adaptação, aprendizado, constância, acomodação ao novo ambiente de ensino e aprendizagem fizeram com que as relações de sala de aula, mesmo virtuais, nos aproximasse e através das telas vivenciamos uma prática totalmente diferente da qual estávamos acostumados no dia a dia da atividade presencial, mas sobre a qual construímos saídas espontâneas e fecundas na construção do conhecimento.

Este e-book é um exemplo disso. Um material elaborado pelos alunos da Pós-Graduação em

Comunicação, durante a disciplina de Tópicos Especiais III, ministrada pelo pós-doutorando Bruno Kegler, no qual são apresentadas análises sobre a Pesquisa Científica aplicada aos temas da Comunicação. O resultado culminou neste texto, composto por 177 páginas, nove capítulos, onde cada aluno traz uma revisitação da literatura e demonstra com uma escrita facilitada, as premissas básicas do trabalho de pesquisa e algumas aplicações à pesquisa em Comunicação.

Em virtude da experiência da atividade de docência e em pesquisa aplicada, o Professor Bruno Kegler nos orienta, através dos textos de seus alunos, para uma leitura simplificada, mas relevante sobre o fazer pesquisa em Comunicação. Levando em consideração a atividade de pesquisa de cada um dos alunos e suas linhas de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, temos um conjunto relevante de informações que podem ser usadas na graduação e pós-graduação.

A socialização da reflexão sobre os procedimentos metodológicos move o processo de formação permanente de estudantes e pesquisadores de um programa de pós-graduação. Pensar sobre a prática da pesquisa sem registro acaba no patamar da oralidade, das memórias vividas e não compartilhadas, impedindo que o próprio autor e os leitores tenham condições de revisar, corrigir,

aprofundar, refletir e ampliar ideias e conceitos no campo das metodologias em comunicação.

O material que dispomos neste E-book é uma importante consulta aos alunos que chegam ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e demonstra o entusiasmo e a dedicação do Professor Bruno Kegler e de seus alunos no objetivo de compartilhar com a comunidade acadêmica aquilo que é realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM.

APRESENTAÇÃO

Bruno Kegler

Há, em sala de aula, física ou virtual, a construção relacional, sempre distinta, que se dá na interação, múltipla, com as singularidades de alunos e de alunas, e com as do grupo, que faz com que cada encontro e cada semestre sejam únicos, mesmo para aquelas disciplinas que muitas vezes conduzi. As conexões afetivas favorecem a produção do conhecimento e incidem, também, sobre as nossas questões existenciais, sobre quem somos, o que buscamos, as nossas utopias e o movimento permanente em busca de descobrir e de transformar.

Este livro resulta dessas relações conectadas, constituídas na disciplina de Tópicos Especiais em Comunicação III, lecionada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), no primeiro semestre de 2021. Em meio à pandemia, foram quinze “encontros” por videoconferência, nas manhãs de quarta-feira, que conjugaram debates teóricos, metodológicos e epistêmicos sobre o campo científico da Comunicação, sobre as pesquisas que os (as) discentes estão a desenvolver, além de bate-papos acerca do que vivíamos e sentíamos em

distanciamento físico e, claro, de comemorações a cada um (a) que se vacinava.

Por tudo isso, nos meus onze anos de docência em nível de graduação e de pós-graduação, a vivência com esta turma foi das mais marcantes, não apenas por estarmos distantes fisicamente, mas, sobretudo, pela sinergia que nos constituiu enquanto grupo dado o modo generoso com que cada um (a) se doou aos demais na construção de saberes e reflexões acerca de suas pesquisas, em cada encontro. Para além dos conhecimentos produzidos individual e coletivamente, o suporte afetivo que deixa marcas para a vida toda.

Do vínculo estabelecido, surge a ideia de nos reunirmos nesta coletânea. Os textos derivam de uma atividade realizada em aula que consistia em escrever sobre e apresentar oralmente, em seminário, a técnica ou o método da pesquisa utilizado. Após o aceite do grupo, a Gibsy, que co-organiza o livro e é autora de um capítulo, reúne a turma em e-mail e dá o passo a passo até a publicação. Isto foi em dezembro de 2021 e, desde então, dedicamo-nos muito para a realização deste projeto.

O objetivo principal do e-book é o de inventariar relatos de pesquisa, sejam elas concluídas ou em curso, sob a premissa de que a socialização das relações com o método, o objeto empírico e o

referencial teórico permite a oferta de percursos que podem ser auxiliares a outros estudos. Assim, o caráter autoral intrínseco ao relato, por si só, confere singularidade a cada texto, além de permitir ilustrar mais de uma possibilidade de aplicação do mesmo método e/ou retratar diferentes estágios da pesquisa.

São protagonistas e autores (as) desta coletânea os (as) doutorandos (as) Camila Rodrigues Pereira, Cleusa Jung, Felipe Boff, Gibsy Lisiê Soares Caporal, João Pedro Van der Sand, Johnny Ribas da Motta, Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos, Luiza Oliveira e Valmíria Balbinot. Soma-se a nós, também, a professora titular da UFSM Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá, como autora do prefácio e revisora final dos textos. Feitas essas considerações, passo à apresentação dos nove capítulos que compõem a obra.

O texto de abertura é da Camila Rodrigues Pereira¹, que relata a sua vivência como etnógrafa, desde a graduação, com o objetivo de iluminar a etnografia como possibilidade metodológica para o campo da Comunicação. O seu percurso parte de um apanhado sobre as matrizes teóricas vindas da Antropologia, seguida da referência a estudos etnográficos contemporâneos, alguns deles

¹ No doutorado, Camila é orientanda da Prof^a Dra. Sandra Rubia da Silva (POSCOM/UFSM).

realizados no âmbito do POSCOM/UFSM, de aspectos relacionados às técnicas de pesquisa recomendadas para a coleta dos dados e, por fim, da reflexão crítica sobre a origem e as práticas etnográficas.

No segundo capítulo, é Luiza Oliveira quem aborda o fazer etnográfico. O objetivo do texto está em sinalizar as inquietações e desafios da sua pesquisa de doutorado (POSCOM/UFSM)², em que desloca a atenção das relações face a face para as estabelecidas em mídias digitais, por mulheres migrantes brasileiras que vivem nos Estados Unidos (EUA). Para alcançá-lo, a autora parte do relato da sua pesquisa de mestrado, realizada durante o ano de 2018³, de onde descreve as vivências das idas a campo no Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier, os procedimentos de coleta de dados e o processo de construção da problemática, esta numa perspectiva dialógica com o fazer etnográfico. Com isso, apresenta um inventário bibliográfico sobre etnografia em meios digitais, situando a sua posição acerca das definições e suas respectivas discussões acadêmicas.

² Sob a orientação da Prof^a Dra. Liliane Dutra Brignol (POSCOM/UFSM).

³ Defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e orientada pela Prof^a Dra. Miriam Steffen Vieira.

Também em fase de elaboração de estado da arte da tese de doutorado, Cleusa Jung compõe o terceiro capítulo. A autora se debruça sobre a definição teórica e a aplicação da pesquisa bibliográfica, pontuando a relevância do método para o mapeamento de pesquisas, conceitos e autores e para deslindar caminhos investigativos ainda não experimentados. O texto está dividido em duas partes principais: a primeira, de cunho teórico, em que revisita a autores que refletem e discutem a definição do método; e a segunda, em que relata a sua compreensão sobre a pesquisa bibliográfica e os modos como operacionalizou-a em suas pesquisas acadêmicas de graduação, de mestrado e de doutorado (em curso)⁴.

Em seguida, Felipe Boff⁵ reflete sobre a utilização da Entrevista em Profundidade como técnica científica para os estudos em Jornalismo. Ancorado na definição proposta por Jorge Duarte, o autor articula inquietações particulares de cunho metodológico e epistêmico, com a sua experiência como professor de Jornalismo, para discutir as similaridades e limites da entrevista jornalística, prática basilar da profissão, com a entrevista em

⁴ Sob a orientação da Prof^a Dra. Marcia Franz Amaral (POSCOM/UFMS).

⁵ No doutorado, Felipe é orientando do Prof. Dr. Reges Schwaab (POSCOM/UFMS).

profundidade aplicada a pesquisas científicas em Jornalismo. O texto conjuga definições de cunho teórico e exemplos de aplicação da entrevista em profundidade em investigações acadêmicas, intercaladas pelas impressões e acréscimos do autor sobre as especificidades da técnica.

No capítulo V, Johnny Ribas da Motta⁶ disserta sobre a pesquisa documental, num percurso que reúne definições, semelhanças e distinções em relação a outros métodos, através do relato sobre a sua pesquisa de mestrado⁷, defendida em 2018. Neste sentido, o objetivo principal está em refletir acerca das potencialidades da pesquisa documental enquanto método científico para a área de Comunicação. O autor situa a centralidade do método ao trazer o detalhamento dos processos de coleta de documentos, dos modos como se constitui o corpus empírico e dos procedimentos analíticos.

No capítulo VI, Valmíria Balbinot traz um exercício de pesquisa bibliográfica para a elaboração do estado da arte da sua tese de doutorado, que está em desenvolvimento no POSCOM⁸. Com o olhar

⁶ No doutorado, Johnny é orientando da Prof^a Dra. Rejane de Oliveira Pozzobon (POSCOM/UFMS).

⁷ Defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Prof^a Dra. Nelia Rodrigues Del Bianco.

⁸ Sob a orientação da Prof^a Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá (POSCOM/UFMS).

dirigido a estudos que tenham utilizado o método da Análise de Conteúdo (AC), a autora descreve os resultados das suas observações sobre três artigos científicos e uma dissertação de mestrado, com o intuito de delinear os caminhos já trilhados e mapear possibilidades para a sua pesquisa. Dividido em três partes, o texto inicia com uma revisão teórica a partir de Laurence Bardin, seguida da descrição dos resultados da observação das quatro pesquisas selecionadas e das considerações finais.

Na sequência, Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello Santos explora a possibilidade de utilização da *Grounded Theory* (GT) para a pesquisa em Comunicação sobre mídias digitais, método de abordagem qualitativa que prevê o desenvolvimento de conceitos e teorias a partir da interação com o objeto empírico. Para tanto, recorre a pesquisas que desenvolveu durante o mestrado⁹, em 2021, e o doutorado¹⁰, abordando os aspectos conceituais e operacionais da GT, para sinalizar os modos como estes reverberam no processo de pesquisa e na própria autonomia do pesquisador.

⁹ Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos com orientação da Prof^a Dra. Adriana Amaral.

¹⁰ Kassieli é orientanda da Prof^a. Dra. Aline Roes Dalmolin (POSCOM/UFMS).

No penúltimo capítulo, Gibsy Lisiê Soares Caporal¹¹ reflete acerca dos desafios para a realização do Estudo de Caso com abordagem qualitativa na pesquisa em Comunicação, dada a vinculação histórica do método com investigações de viés quantitativo, especialmente em outras áreas científicas, como a Saúde. O percurso contempla a revisão bibliográfica concernente ao Estudo de Caso, ilustrada com exemplos de aplicação em pesquisas em Comunicação e atenção especial àquelas realizadas por discentes e docentes do POSCOM/UFMS. Assim, oferece aos (às) leitores (as) um inventário de pesquisas que se utilizam do Estudo de Caso qualitativo para investigar, compreender, descrever e explicar fenômenos reais e complexos, sob a ótica da Comunicação.

É João Pedro Van der Sand quem fecha o livro, no capítulo IX, com um relato sobre a sua relação com o método da Análise de Conteúdo (AC), aplicado à pesquisa em sites de redes sociais. Como parte do processo de desenvolvimento da sua tese¹², o exercício reflexivo consiste na busca por possibilidades e experimentações metodológicas para a análise de fenômenos comunicacionais do

¹¹ No doutorado, Gibsy é orientanda da Prof^a Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá (POSCOM/UFMS).

¹² Sob a orientação da Prof^a Dra. Sandra Rubia da Silva (POSCOM/UFMS).

movimento hip hop em plataformas digitais. Dividido em três partes principais, o texto é iniciado pela discussão teórica acerca da AC, seguido de aspectos operacionais da análise e, por fim, as observações sobre as potencialidades e os limites relativos ao método na pesquisa doutoral que está a desenvolver.

Concluídas as apresentações, desejo uma ótima leitura e que os relatos deste livro sejam auxiliares a estudos em curso, inspirem e provoquem novas inquietações e problemáticas de pesquisa.

SOBRE O AUTOR

Bruno Kegler é publicitário (UFSM), Mestre em Comunicação (UFSM), Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS) e, atualmente, é pós-doutorando pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Em 2017, a sua tese recebeu menção honrosa no Prêmio de Teses e Dissertações da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). As suas principais pesquisas versam sobre as áreas de Comunicação e Política e de Publicidade e Propaganda. Como docente, no POSCOM, tem atuado desde 2019, em disciplinas como Comunicação e Espaço Público e Tópicos Especiais em Comunicação III e IV.



CAPÍTULO I

A Comunicação de mãos dadas com a Etnografia

Camila Rodrigues Pereira

Quando pensamos em possibilidades metodológicas para pesquisas na Comunicação, o campo é vasto. Há muitos livros sobre a temática, e nossa área acaba dialogando com teorias e metodologias de variados campos. Em alguns cursos de graduação em Comunicação, quando cursamos disciplinas de Teorias e Métodos de Pesquisa, não encontramos a Etnografia como uma possibilidade teórico-metodológica nos planos de ensino. Essa foi a minha experiência no curso de Publicidade e Propaganda. Por vezes, alguns professores sequer simpatizavam com pesquisas etnográficas realizadas nos cursos, porque a abordagem não era considerada “muito apropriada” para análise de objetos comunicacionais. A etnografia chegou até mim no quinto semestre da graduação, através de uma professora que havia feito o seu doutorado em Antropologia, e que posteriormente tornou-se minha orientadora.

Ao longo de minha trajetória acadêmica na área da Comunicação, literalmente, dei as mãos para a etnografia e não soltei mais. O título deste texto reflete minha história com essa abordagem teórico-metodológica, que me acompanhou na graduação, no mestrado e no doutorado. Dar as mãos para a etnografia envolveu a interação com outras pessoas, outras referências, outros eventos; envolveu contato, colaboração e afeto. Houve desafios, obstáculos, inseguranças, mas não soltando a mão dessa abordagem e de minhas interlocutoras de pesquisa, tive certezas e segurança. O entrelaçar da Comunicação com a etnografia auxilia na construção de nossas investigações, da conta dos nossos objetivos e dos nossos problemas de pesquisa. Nesse sentido, o objetivo do presente ensaio é apresentar a etnografia como uma possibilidade metodológica para nosso campo.

Historicamente, a etnografia se estabelece, principalmente, a partir da área da Antropologia, com autores como Malinowski (1984), Franz Boas (1938), Claude Lévi-Strauss (1989), Clifford Geertz (2008), e outros. A Antropologia constituiu sua identidade como ciência muito por meio dessa prática de pesquisa (SILVA, 2006). Contudo, com o passar das décadas, a etnografia encontrou crescente reconhecimento em outros campos, e sua relevância como um método-pensamento se mostrou

cada vez mais pertinente à área da Comunicação, como afirma a obra de Janice Caiafa (2019).

Em nosso campo, encontramos o fazer etnográfico sendo utilizado em estudos que investigam culturas, processos de consumo, usos e apropriações, relações sociais, práticas comunicacionais, recepção, cotidiano, entre outros. Os trabalhos de Rocha e Barros (2006), Travancas (2011), Fragoso, Recuero e Amaral (2011), Caiafa (2019), Silva e Machado (2020), Wottrich (2019), Montardo e Paz (2016) e Tomazetti e Brignol (2013) são alguns dos exemplos de pesquisas que apresentam uma interface entre a Comunicação e a Antropologia, etnografias na área da Comunicação. Em uma perspectiva próxima dos estudos que venho realizando, os comunicadores Trindade (2018), Kuntz (2018), Paz (2019), Machado (2019) e Van Der Sand (2021) produzem etnografias que dialogam com as teorias do consumo e das culturas digitais.

Autoras como Peirano (2014) apontam para o cuidado ao nomear a etnografia apenas como método, pois a pesquisa etnográfica é mais do que isso, é uma atividade, uma prática, uma ação, e também é teoria - o seu fazer é capaz de produzir novas teorias. Na obra *Etnografia não é método*, Peirano (2014, p.380) disserta que as concepções do que é etnografia variaram ao longo do tempo: "Arte, para Evans-Pritchard, fonte de comparação, para

Radcliffe-Brown, origem da teoria etnográfica, para Malinowski”, contudo, o que há em comum entre todas as concepções é que toda etnografia é também teoria. Além disso, a autora aponta que a empiria é o chão da antropologia; os eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, e tudo que afeta os nossos sentidos pode ser material analisado, e que não são apenas dados coletados, mas sim questionamentos e fonte de renovação. Nesse sentido, a etnografia precisa estar constantemente se reinventando, e cada pesquisador repensando a disciplina.

Para realizar uma etnografia, é importante o ver, o estar, o ouvir e o observar. No trabalho de campo, a elaboração de um diário de campo e a realização de registros é muito importante; no diário, além de anotarmos as questões levantadas sobre o tema e sobre os sujeitos da pesquisa, escrevemos também os questionamentos que temos em mente sobre o assunto da pesquisa (TRAVANCAS, 2011). Além disso, existem instrumentos e técnicas de pesquisa importantes para que os dados sejam produzidos de maneira adequada, e eles podem variar de campo para campo.

É possível realizar observação participante, entrevistas em profundidade, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, grupos focais, rodas de conversa, tirar fotos, gravar vídeos,

utilizar gravador de áudio, entre outros. É importante destacar que não existe um manual a ser seguido de forma rígida para a realização de uma etnografia, pois cada pesquisa deve ser adaptada para o seu campo e para os seus interlocutores. Porém, por ser uma pesquisa qualitativa que se faz com as pessoas, parte importante do trabalho consiste em observar, escutar e perceber o ponto de vista e interpretações dos sujeitos (TRAVANCAS, 2011).

Silva (2006), em *O antropólogo e sua magia*, traz a definição da observação participante como a convivência íntima e prolongada do pesquisador com os participantes da pesquisa. Esse significado foi definido principalmente por Malinowski (1984), que ao refutar a “antropologia de gabinete”, viaja até as Ilhas Trobriand e busca conviver com os nativos para realmente entender suas práticas. Desde então, o trabalho de campo assume uma enorme importância para o desenvolvimento de uma etnografia, porque é justamente o conjunto das relações sociais que o pesquisador vai estabelecer com as pessoas estudadas que irá permitir a concretização do trabalho (SILVA, 2006). Essas relações geralmente demoram um tempo para se estabelecerem e exigem paciência. Primeiramente, como descreve Silva (2006), é preciso ter acesso ao grupo, depois familiarizar-se com ele, aprender suas regras, entender seus conflitos, para que, com o tempo, se

crie um laço, uma relação de confiança mútua e colaboração.

Para Malinowski (1984), o campo de pesquisa deveria ser afastado do ambiente em que se vivia. Na atualidade, com a impossibilidade de pensar fronteiras distantes, de permanecer um período longo no campo de pesquisa e de manter-nos isolados em um lugar distante como propunha o pesquisador, realizar Antropologia Urbana na própria cidade de origem, como faz Gilberto Velho (1980), por exemplo, tornou-se mais comum. Com o surgimento de novas maneiras de se fazer etnografia, se fez fundamental o movimento proposto por Velho (2003, p. 15) de estranhar o familiar. Quando o autor fala sobre "observar o familiar", ele entende que na nossa própria sociedade vivemos experiências diversas, restritas e particulares que se cruzam constantemente com outras experiências tão significativas quanto as nossas. Nossa educação, classe, religião, família e todas as nossas vivências específicas fazem com que sejamos pessoas muito diferentes dentro de uma mesma cidade.

Já no início do século 21, quando a internet passou a ser um fenômeno de massa (HINE, 2015), novas maneiras de se fazer etnografia precisaram ser pensadas. Com o intuito de refletir sobre essa nova maneira de se fazer etnografia no ambiente

digital, Hine (2000) escreve seu livro sobre etnografia virtual. Ao longo dos anos seguintes, outras nomenclaturas para o fazer etnográfico na internet foram surgindo, a partir de diferentes autores, como apontam Fragoso, Recuero e Amaral (2011): netnografia, etnografia digital, ciberantropologia, etnografia *online*, *webnografia*. Porém, como a internet e seus usos se transformaram e se modificaram ao longo dos anos, em 2015 Hine (2015) propôs a compreensão da internet como mais um espaço de pesquisa, que não pode ser compreendida como uma entidade completa, fechada, que possa ser estudada em sua totalidade, chegando assim em uma abordagem intitulada etnografia para a internet.

A internet é diferente para cada usuário. As condições de acesso são distintas, os usos são diferentes e as apropriações que fazemos são adaptadas às nossas vidas e ao contexto em que vivemos. Portanto, Hine (2015) entende que a etnografia deve ser uma abordagem adaptativa, que pode variar de acordo com as circunstâncias que a internet contemporânea proporciona. A etnografia, de acordo com Hine, é "extremamente necessária para a compreensão da Internet em toda a sua profundidade e detalhe" (HINE, 2015, p.5, tradução nossa). Precisamos dela para nos ajudar a entender o que está acontecendo e para entender a natureza

das mudanças que estão ocorrendo na internet e que parecem fugir da compreensão etnográfica (HINE, 2015).

Por fim, é preciso também refletir criticamente sobre a prática etnográfica, sua história e origem. Nas últimas décadas, é crescente o debate sobre os problemas epistemológicos encontrados na etnografia, motivados por toda a relação da antropologia com o colonialismo (LASSITER, 2005). O passar dos anos fez com que a antropologia e a etnografia mostrassem os “seus pecados e as suas virtudes” (PEIRANO, 2014). Da “antropologia de gabinete”, passando pelas pesquisas etnográficas em ilhas distantes e desconhecidas pelo europeu, chegando até a etnografia urbana e as pesquisas realizadas com sujeitos subalternos, a etnografia cometeu erros e violências epistêmicas. De acordo com Lassiter (2005), atualmente, a maioria dos etnógrafos reconhece que o poder e a história moldaram (e moldam) o processo etnográfico. Nas últimas décadas, os pesquisadores passaram a reconhecer mais adequadamente o papel que os participantes da pesquisa, os “informantes”, possuem na construção da etnografia. Esse entendimento foi essencial para deslocar a leitura “sobre os ombros” dos nativos, para o “ler ao lado” deles (LASSITER, 2005).

Realizar uma etnografia com uma abordagem mais colaborativa e pós-colonial, por exemplo, é repensar a prática etnográfica desde a entrada no campo de pesquisa, os diálogos com os interlocutores, a forma de ouvir, observar e escrever. Pensar em uma etnografia mais justa para todos os que participam da pesquisa é pensar também em escrever para todos os interessados no texto, e não só na própria academia, colegas de pós-graduação, bancas e avaliadores de periódicos. Por muitos anos, não se pensava em escrever para os “informantes”, em produzir conhecimento que fosse relevante para os participantes da pesquisa, o que culminou em muitas violências epistêmicas, em silenciamentos e em pesquisas que foram validadas somente por uma elite acadêmica.

Ao longo da história da Antropologia, Lassiter (2005) afirma que etnógrafos realizaram trabalhos colaborativos, mas que muitos desses foram marginalizados ou esquecidos. Porém, na contemporaneidade, com as complexidades do mundo pós-industrial e pós-colonial, cresceu a necessidade da realização de pesquisas mais colaborativas e menos etnocentradas. São poucos os projetos etnográficos hoje que não consideram uma abordagem mais recíproca, que engaje múltiplas vozes, agendas e interesses sociais, culturais e políticos. O caminho ainda é longo para possibilitar

espaços realmente adequados para todas as vozes que participam e colaboram com as pesquisas, mas o fazer junto, a troca, o diálogo e a escrita acessível, com certeza são um bom começo para um fazer etnográfico mais justo e colaborativo, em todos os campos de pesquisa.

Ao longo de quase dez anos de fazeres etnográficos, dei as mãos a diferentes interlocutores e interlocutoras - participantes das pesquisas. Na graduação, para jovens de uma escola pública da cidade de Santa Maria - RS, que me contavam sobre os smartphones na adolescência e no ambiente escolar. No mestrado, para mulheres trabalhadoras da mesma cidade, que relatavam suas experiências com os smartphones, as mídias sociais e os aplicativos enquanto mulheres, mães, esposas e profissionais. Já no doutorado, em um campo de pesquisa mais distante, dei as mãos às mulheres moçambicanas, residentes da cidade de Maputo, que me ensinaram sobre a história do país, sobre comunicação, tecnologia, acesso a internet, gênero e sexualidade. Nesses processos de pesquisa, de escuta e de escrita, me seguro também na observação participante, nas entrevistas em profundidade e no diário de campo, que considero imprescindíveis companheiros para a jornada de análises. Uma pesquisa em Comunicação que se faz com colaboração, com pessoas, com diferentes

vozes, percepções, apropriações e histórias, também se faz com diversas mãos entrelaçadas.

Referências

BOAS, Franz. **The mind of primitive man.** New York: Macmillan Company. 1938.

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 7, nº 14, julho-dezembro, 2019.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Abordagens Etnográficas. In: **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HINE, Christine. Ethnography for the internet: **Embedded, Embodied and Everyday.** London: Bloomsbury Academic, 2015.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography.** London: Sage. 2000.

KUNTZ, Fátida Monireh Rabuske. **Crianças no YouTube:** um estudo etnográfico sobre as infâncias e suas estratégias de relacionamento nas mídias

digitais. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1989.

LASSITER, Luke E. **The Chicago guide to collaborative ethnography**. Chicago: The University of Chicago Press. 2005.

MACHADO, Alisson. **Toda trabalhada na Wi-Fi: cotidiano travesti em trajetórias digitais**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2019.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. SP: Abril Cultural, 1984.

MONTARDO, Sandra. P.; PAZ, S. Jogando com a etnografia: o método etnográfico em pesquisas sobre games. **Sessões do Imaginário** (Online), v. 21, p. 22-30, 2016.

PAZ, Aline Amaral. **O suicídio em torno da vida e da morte: uma etnografia do consumo do Facebook por jovens**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2019.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é Método.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, a. 20, n. 42. Porto Alegre, p. 377-391, jul./dez. 2014.

ROCHA, Everardo; BARROS, Carla. Dimensões culturais do marketing: teoria antropológica, etnografia e comportamento do consumidor. **RAE**, vol. 46, n. 4, 2006.

SILVA, Sandra Rubia; MACHADO, Alisson. **Diálogos com Daniel Miller no campo da Comunicação:** reflexões a partir das pesquisas do GP Consumo e Culturas Digitais. Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e Sua Magia:** trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Etnografia e Comunicação:** Uma aproximação empírica à experiência da Marcha das Vadias. V SIPECOM - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação. UFSM, Santa Maria, 2013.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2011.

TRINDADE, Thiago Álvares da. **“A gente se ama e se odeia ao mesmo tempo”**: uma etnografia do consumo de smartphones em circuitos de sociabilidade de jovens de camadas populares. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2018.

VAN DER SAND, João Pedro Pacheco. **REAGINDO AO HIP-HOP NO YOUTUBE**: análise etnográfica sobre os vídeos de reação do movimento hip-hop. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2021.

VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade**: Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WOTTRICH, Laura H. Reescrever cotidianos, repensar métodos: a etnografia nos estudos de recepção. In: Rafael Tourinho Raymundo, Tamires Ferreira Coelho. (Org.). **Percursos e experimentos metodológicos no campo da Comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2019.

SOBRE A AUTORA

Camila Rodrigues Pereira é Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com bolsa Capes e com período sanduíche na Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique. Mestre em Comunicação e bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais (UFSM/CNPq). Seus atuais interesses de pesquisa são em estudos de consumo, culturas digitais, etnografia e estudos de gênero.



CAPÍTULO II

Fazer etnográfico: experiências em um presídio e a transposição para a comunicação na internet

Luiza Dias de Oliveira

Adentrar em um presídio pela primeira vez, enquanto etnógrafa, fez surgir um turbilhão de impressões e estranhamentos. Estranhamento, esse, essencial ao fazer etnográfico. Parti do básico: a observação. Todos os detalhes importavam, desde a construção em forma de colégio católico antigo, até o cheiro de umidade e móveis velhos. Mas o que mais se via eram as grades. Grades dividindo a subida das duas escadas grandes que tomavam o hall. Uma porta fechada que separava o hall de entrada do prédio ao interior da prisão. Diferente também das celas, com colchões espalhados, roupas penduradas e pertences pessoais pelos cantos. A entrada, no entanto, poderia ser de qualquer outro órgão público, não fossem as barreiras de ferro que davam ao espaço a sensação de enclausuramento.

Essas foram as primeiras impressões que tive no momento em que cheguei ao Presídio Estadual

Feminino Madre Pelletier, em junho de 2018. Começava ali o meu trabalho de campo que daria origem à dissertação, intitulada "As grades que envolvem o berço: maternidades no contexto do Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier", defendida no ano seguinte, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e orientada pela professora doutora Miriam Steffen Vieira. Pensei, logo de início, que a questão do estranhamento não seria um problema, afinal, nunca havia estado em um presídio, tampouco convivido com pessoas presas. Claro, essa questão se mostrou um pouco mais complexa com o passar do tempo, mas entrarei nisso em breve. Agora, cabe dizer que meu fazer etnográfico se deu na Unidade Materno-Infantil (UMI) do local, onde observei as experiências de maternidade de mulheres que estavam grávidas e que tinham os filhos recém-nascidos junto a elas na UMI.

Durante vários dias, fui ao Madre em diferentes turnos. Lá, convivia com as internas da unidade. Conversávamos, eu assistia às atividades desenvolvidas, acompanhava as consultas (do lado de fora do consultório), passava tempo com a técnica responsável pela UMI e trocava observações com a coordenadora da ala. Imaginava que poderia sentir medo em algum momento, mas isso nunca

aconteceu. Confesso até que ficava feliz toda vez que adentrava o presídio para as observações e entrevistas. Isso, claro, porque algumas horas depois, iria embora. O ficar permanente é algo que pertencia apenas às presas, sentimento que eu não conheceria e que dificilmente seria apreendido.

Até então, a etnografia era algo novo para mim. Havia lido sobre e feito disciplinas, mas tudo ainda era, de certa forma, nebuloso. A pesquisa foi se desenhando conforme acontecia. Apreendi com o fazer, na prática, no dia a dia. Não podia levar celular, nem gravador, por isso, mantinha um caderno para fazer anotações. No diário de campo, anotava todas as minhas percepções, frases que me marcavam, pontos para as entrevistas futuras, enfim, informações que surgiam durante a observação. Assim que chegava em casa, de forma a ainda ter tudo o que fora observado fresco na memória, passava as anotações para o computador, com mais detalhes e de forma mais sistematizada. Desenvolvi um sistema: colocava negrito e cores em frases que deveriam receber mais atenção no decorrer das incursões, detalhes que eu deveria visitar.

Além das conversas de corredor e durante as atividades e momentos de lazer, realizei entrevistas semiestruturadas com as interlocutoras. As entrevistas foram essenciais para que eu conseguisse

coletar mais informações e detalhes que não haviam surgido durante a observação. Depois de sistematizadas, as respostas integraram a dissertação, assim como os pontos observados.

Acredito que o estranhamento, como mencionei anteriormente, é mais natural dependendo do ambiente em que o estudo está sendo realizado. No entanto, sentimentos surgem, e é preciso cuidado para que eles não entrem no caminho de forma a prejudicar o processo. Claro, somos seres humanos e pesquisadores e, por isso, é impossível que não surjam emoções no decorrer do caminho. Cabe ao etnógrafo mediar o que sente e sua responsabilidade na pesquisa.

Para dar conta da pesquisa proposta, e considerando que se tratava de um estudo de cunho qualitativo, pretendi utilizar a etnografia como metodologia privilegiada. Para compreender o mundo em que vivemos, faz-se necessário expandir as definições existentes, perpassando aquilo que é considerado "normal". Isso significa ultrapassar o senso comum, analisar não apenas aquilo que foi dito, mas o ambiente, as entonações de fala, os silêncios, os incômodos e os sentimentos demonstrados. Essas colocações são essenciais à etnografia, pois todo o contexto deve ser apreendido e colocado no diário de campo. Para Geertz, o etnógrafo precisa, primeiro, apreender a nova

multiplicidade de estruturas que estão sendo apresentadas, para depois poder apresentá-las:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 7).

Assim, com a experiência etnográfica inicial durante o mestrado, decidi continuar a focar nessa metodologia também no doutorado, mas, desta vez, sairia do presídio e entraria em ambiências virtuais. Para uma pesquisadora em seus anos iniciais, a mudança é grande, e exige uma nova carga de leituras. Trago este item apenas com algumas reflexões iniciais e inquietações, considerando que ainda não comecei o fazer etnográfico em questão.

Nesta pesquisa do doutorado, buscarei entender os usos das mídias digitais por mulheres migrantes brasileiras nos Estados Unidos. Confesso que os caminhos que serão percorridos ainda são incertos, já que as leituras ainda estão sendo realizadas a fim de que eu tenha subsídios suficientes para adentrar nesse novo fazer. Para isso,

trago, brevemente, algumas reflexões teóricas acerca da etnografia, de forma a jogar alguma luz no caminho percorrido e o que ainda planejo percorrer.

Com inúmeras possibilidades, a etnografia tem campos e objetos de estudo plurais. Um deles pode ser o próprio ambiente virtual, ou seja, a internet, e, por isso, é preciso pensar em uma etnografia voltada para a internet (HINE, 2015). Esse método deve abarcar não só as atividades e vivências online, mas também aquilo que acontece no off-line. É preciso destacar que não existe uma diferença entre o campo online e off-line, já que são instâncias complementares e que se aproximam a todo momento. Por ser um método mais recente, o etnógrafo para a internet deve estar preparado para lidar com o inesperado e com pontos ainda não explorados. Uma das questões que deve ser pensada é a exposição prolongada do etnógrafo no campo, considerando as diferenças.

Nesta pesquisa, pensar a internet enquanto um campo de estudos se torna fundamental. É um espaço abrangente, vasto, com inúmeras possibilidades. Conforme Hine (2015), a presença constante da internet na vida das pessoas influencia as formas de interação social e de comportamento, apresenta novas possibilidades e novos desafios.

É válido destacar que não existe um afastamento do mundo real quanto no virtual,

considerando que são continuidades. Desta forma, cabe refletir sobre o momento que vivemos, com a internet sendo um campo incorporado, corporificado e cotidiano (HINE, 2015). Incorporada porque é “entrelaçada em um uso com múltiplas formas de contexto e estruturas de produção de sentido” (HINE, 2015, p. 33). Ou seja, é incorporada a nossa vida, aos nossos relacionamentos, nossas relações mais abrangentes, com diferentes apropriações de diferentes grupos. É corporificada porque trata de experiências digitais integradas às experiências humanas. As identidades criadas no ambiente virtual são apenas consequências inseparáveis das experiências físicas. É, também, cotidiana porque se integra às nossas rotinas, ao nosso cotidiano. Por isso, torna-se invisível, na medida em que é apropriada na construção de significados das atividades humanas.

Beaud e Weber (2007, p. 97-98) explicam que a observação etnográfica acontece em três partes: “perceber, memorizar e anotar. Supõe um vai e vem permanente entre suas percepções, sua explicitação mental, sua memorização e o caderno (seu diário de campo) no qual faz suas anotações. [...] Não se observa sem referências, sem um ponto de balizamento”. Ou seja, as anotações no diário de campo podem servir de referências futuras para o

que se observa, para as entrevistas e para um melhor entendimento do campo.

Em relação à análise dos dados coletados,

a escrita, a anotação e a transcrição que transformam a pesquisa, as entrevistas e as impressões em documentos; que os tornam objetivos; que permitem o distanciamento, o recuo, a colocação às claras; a leitura crítica, por sua vez, vai recolocar estes documentos em seus contextos; vai referenciar e desvendar as alusões, os mal-entendidos, as contradições e as referências cruzadas; a classificação que organiza elementos tirados de documentos díspares e faz aparecerem relações invisíveis aos pesquisados, exteriores à interação (BEAUD; WEBER, 2007, p. 154).

Ainda segundo Beaud e Weber (2007, p. 155), não há problema em “hierarquizar” os dados coletados, considerando que às vezes as anotações resultantes de observação podem ser melhores, e, em outros momentos, as entrevistas podem trazer informações mais relevantes. Em relação ao que é observado, o ideal é que a descrição seja tão densa que possa dar um completo entendimento do acontecimento para quem não estava presente.

Caminhos parecidos, porém, com suas diferentes peculiaridades. Sair da etnografia face a

face e partir para o ambiente online é um desafio. O primeiro caminho é estar munido de leituras, boa teoria e autores e autoras de referência. Estar bem amparado fornece o alicerce necessário para uma pesquisa robusta, com resultados satisfatórios e diferenciados. Neste texto, citei brevemente alguns autores, mas a lista de leituras segue, a fim de aprimorar o caminho a ser percorrido.

Referências

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Bloomsbury Publishing Plc: London, UK, New York, USA, 2015.

OLIVEIRA, Luiza Dias de. **As grades que envolvem o berço: maternidades no contexto do Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier**. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, 120p.

SOBRE A AUTORA

Luiza Dias de Oliveira é jornalista, mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Poscom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ambos com bolsa Capes. Integra o grupo de pesquisa "Comunicação em rede, práticas midiáticas e narrativas migrantes", coordenado pela professora doutora Liliane Dutra Brignol. Seus principais interesses de pesquisa são Tecnologias de Informação e Comunicação, gênero, interseccionalidade, migrações e etnografia.



CAPÍTULO III

Por onde começar a minha pesquisa acadêmica?

Cleusa Jung

Certamente você já se fez essa pergunta. O início de toda pesquisa acadêmica exige conhecimento sobre o que já foi escrito anteriormente. É aí que entra a Pesquisa Bibliográfica, ou estado da arte como muitos pesquisadores preferem chamar. Ela é fundamental em todas as pesquisas, especialmente porque permite um panorama geral do que já foi dito sobre determinado tema. Levando em conta que as pesquisas devem trazer contribuições novas, a Pesquisa Bibliográfica possibilita um mapeamento dos autores, conceitos, teorias e objetos de análise já trabalhados, a fim de que seja possível identificar novas perspectivas de investigação sobre o mesmo tema.

Nesse sentido, o principal objetivo deste texto é ilustrar a aplicação da Pesquisa Bibliográfica, trazendo algumas definições teóricas e as minhas experiências com o uso deste método. Este trabalho

foi desenvolvido no âmbito da disciplina Tópicos Especiais em Comunicação III, do Doutorado em Comunicação da UFSM, no primeiro semestre de 2021. Optei por abordar este método justamente por estar no início do percurso de pesquisa e ele ser o primeiro passo necessário para preparar o projeto de tese. Além disso, nas pesquisas realizadas anteriormente, tanto na Monografia de Conclusão do Curso de Jornalismo como no Mestrado em Comunicação, a Pesquisa Bibliográfica foi essencial para fazer um levantamento inicial sobre os trabalhos já publicados e, especialmente, para apontar novos caminhos a partir das lacunas teóricas e metodológicas identificadas na área.

O trabalho, portanto, está dividido em duas partes. Primeiro, há uma apresentação da metodologia com definições e aplicações sugeridas por autores como Gil (2008), Lima e Miotto (2007) e Lakatos e Marconi (2003). Depois, compartilho experiências pessoais de pesquisa e a forma com a qual trabalhei com a Pesquisa Bibliográfica nos estudos anteriores e como ela está sendo desenvolvida no começo do percurso investigativo de um novo tema.

Perspectivas sobre a Pesquisa Bibliográfica

Apesar de a maioria dos pesquisadores utilizarem a Pesquisa Bibliográfica em suas pesquisas acadêmicas, poucos são aqueles que discorrem sobre ela. Segundo Lima e Mito (2007) a Pesquisa Bibliográfica tem sido utilizada com bastante frequência em estudos exploratórios ou descritivos, onde o objeto de estudo é pouco pesquisado, dificultando a formulação de hipóteses. Para Severino (2013, p. 106), a metodologia é aquela em que “se realiza a partir do registro disponível decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”. Esses textos coletados serão fontes para a escrita da nossa pesquisa, trabalhando a partir de contribuições já trazidas por outros autores.

Gil (2008) entende que a pesquisa bibliográfica está presente em quase todos os estudos, mas aponta que há pesquisas que são elaboradas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Para o autor, a principal vantagem desse tipo de pesquisa está “no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna

particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2008, p. 50).

Desse modo, é preciso levar em conta os dados secundários e, isso pode, em alguns casos, comprometer a qualidade da pesquisa, pois se o trabalho se fundamenta apenas em dados provenientes de pesquisas anteriores, se houver algum erro ele será reproduzido e ampliado nas demais investigações. Gil (2008, p. 51) aconselha que, para evitar que isso aconteça, “convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente”.

Para Amaral (2007) os principais objetivos da pesquisa bibliográfica são fazer um histórico sobre o tema, atualizar-se sobre o tema escolhido, encontrar respostas aos problemas formulados, levantar contradições e evitar repetição de trabalhos já realizados. Gil (2008) propõe sete etapas da pesquisa bibliográfica: formulação do problema; elaboração do plano de trabalho; localização das fontes e obtenção do material; leitura do material; confecção das fichas; construção lógica do trabalho; e redação do texto.

Na formulação do problema, Gil (2008) defende que o primeiro procedimento que deve ser adotado, assim como em qualquer outro tipo de pesquisa, é definir o problema que se deseja investigar. Salienta que formular um problema nem sempre é fácil de acordo com o tema que se está pesquisando. Para ele, é fundamental considerar alguns critérios: o assunto deve ser de interesse do pesquisador, deve ter relevância teórica e prática, deve ser adequado à qualificação do pesquisador, deve ter material bibliográfico suficiente e disponível e o pesquisador deve dispor de tempo e outras condições de trabalho necessárias para a realização da pesquisa. Além de ter uma ideia clara do que se pretende investigar, destaca que é necessário também que o problema não seja muito amplo, mas que haja uma delimitação a uma dimensão viável.

Após essa etapa inicial, aconselha que seja elaborado um plano de trabalho que seja capaz de orientar os procedimentos metodológicos seguintes. Mesmo que seja um plano provisório e que vá sofrendo ajustes e alterações no decorrer do percurso, ele precisa ser concluído antes de partir para a elaboração das fichas. Com isso resolvido, é hora de identificar as fontes que ajudarão a solucionar o problema. "Um procedimento bastante recomendado para esse fim é consultar catálogos de livros e outras publicações, que são elaborados por

bibliotecas especializadas ou instituições que realizam pesquisas em determinado campo de conhecimento” (GIL, 2008, p. 73).

Uma vez que as fontes tenham sido identificadas, a etapa seguinte é a localização e obtenção desse material, seja de forma virtual ou em acervo físico. Com o material bibliográfico, Gil (2008, p. 74) indica o início da leitura, que servirá para os seguintes objetivos: identificação das informações e dos dados constantes dos materiais; estabelecimento de relações entre essas informações e dados e o problema proposto; e análise da consistência das informações e dados apresentados pelos autores. Recomenda-se que, inicialmente, se faça uma leitura exploratória do material, pois nem tudo precisa ser lido, apenas o que for mais pertinente à pesquisa. “Nessa etapa, o que convém é entrar em contato com a obra em sua totalidade, lendo o sumário, o prefácio, a introdução, as “orelhas”, algumas passagens esparsas do seu texto” (GIL, 2008, p. 75). Após essa leitura, indica outra mais analítica para aprofundar as partes que mais interessam e, por fim, uma leitura mais interpretativa, estabelecendo relações entre as fontes pesquisadas.

Na etapa seguinte, a confecção de fichas, devem ser anotados os elementos mais importantes que foram coletados de cada material. Gil (2008) distingue as fichas bibliográficas e as fichas de

apontamentos. “A primeira é utilizada para anotar as referências bibliográficas, bem como para apresentar um sumário e a apreciação crítica de uma obra. A segunda, para anotar as ideias obtidas a partir da leitura de determinado texto” (GIL, 2008, p. 75). Ambas são construídas a partir de três partes básicas: cabeçalho, referências bibliográficas e texto. Depois de ter elaborado as fichas, elas devem ser ordenadas e dispostas de acordo com os assuntos destacados.

Antes de partir para a redação, o autor lembra que é essencial fazer uma construção lógica do trabalho, organizando as ideias para atender aos objetivos ou para testar hipóteses de trabalho. Feito isso, aí sim passa-se para a última etapa dos procedimentos da pesquisa bibliográfica, a redação do texto, que “consiste na expressão literária do raciocínio desenvolvido no trabalho” (GIL, 2008, p. 77).

Da mesma forma que o autor, Lakatos e Marconi (2003) também defendem a ideia de fases de pesquisa. Para elas, no entanto, são oito etapas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; e redação. Estas, abrangem os mesmos aspectos já levantados por Gil (2008). Nesse sentido, as autoras entendem que a pesquisa bibliográfica é “um apanhado geral sobre os

principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 158).

Para Lima e Mioto (2007) há três campos de investigação das informações referentes ao roteiro para leitura: a) identificação da obra (referência bibliográfica completa e localização da obra); b) caracterização da obra (tema central, objetivo da obra, conceitos utilizados, paradigma teórico e referencial teórico); e c) contribuições da obra para o estudo proposto (registro das reflexões que suscitaram pela leitura da obra). As autoras enfatizam que para fazer uma pesquisa bibliográfica, ao contrário do que muitas vezes possa parecer, os caminhos não devem ser aleatórios, pois “esse tipo de pesquisa requer alto grau de vigilância epistemológica, de observação e de cuidado na escolha e no encaminhamento dos procedimentos metodológicos” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 44).

Dessa maneira, a flexibilidade que se possui para obter os dados na pesquisa bibliográfica não a torna mais fácil, pelo contrário, exige mais trabalho e atenção do pesquisador na seleção das informações de cada material coletado e analisado. Segundo Lima e Mioto (2007, p. 44), “é um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de

interlocução crítica com o material bibliográfico que permite, por sua vez, um leque de possibilidades na apreensão das múltiplas questões que envolvem o objeto de estudo”. Por isso, afirmam que a pesquisa bibliográfica é importante para a produção de conhecimento científico que servirá como ponto de partida para outras investigações futuras.

Aplicações práticas da Pesquisa Bibliográfica

Apesar de parecer simples, a Pesquisa Bibliográfica oferece resultados muito ricos. Com eles, é possível, por exemplo, justificar todo trabalho. Isso aconteceu tanto na Monografia intitulada “¿Para qué el periodismo si te van a matar?": Violência contra jornalistas no México”, como na Dissertação “Violência contra jornalistas no Brasil: análise discursiva dos relatórios de organizações de defesa da liberdade de expressão”. O tema central das pesquisas, como é possível perceber pelos títulos, foi a violência contra jornalistas, na primeira pesquisa em contexto mexicano e na segunda, brasileiro.

A **Monografia**, desenvolvida no curso de Jornalismo – Bacharelado, com a orientação da Profa. Dra. Ângela Zamin, na Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen, teve início ainda durante intercâmbio acadêmico no

México, no segundo semestre de 2016. Foi por meio de notícias de alerta a jornalistas mexicanos, que o tema despertou meu interesse. Para saber o que já havia sido escrito sobre a temática, fiz uso dos passos indicados por Gil (2008) para me aproximar do que já havia sido estudado. Os materiais acessados deram conta da problemática e da necessidade de pesquisas na área, visto que muitas vezes, o jornalista estuda as coisas que lhe rodeiam, porém esquece que também é sujeito de pesquisa. Naquele momento, por meio da entrevista em profundidade com jornalistas mexicanos, busquei entender de que modo jornalistas (re)organizavam o saber e a prática jornalística no exercício da profissão em contextos de violência.

Já na **Dissertação**, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) também pela UFSM, com orientação do Prof. Dr. Reges Schwaab, é a pesquisa mais recente e que darei maior destaque aqui. Nela, foi por meio da Pesquisa Bibliográfica que realizei um levantamento teórico-conceitual e de estado da arte para compor o panorama conceitual da pesquisa. O objetivo principal da pesquisa foi compreender como os relatórios sobre o tema ajudam a entender a violência contra jornalistas no Brasil, que posições discursivas assumem e como os sujeitos desse discurso buscam produzir efeitos de sentido nesse

campo. Apesar da situação preocupante de violência contra os jornalistas ser tema de relatórios anuais de entidades e organizações nacionais, que revelam que o Brasil está entre os países com maior número de casos de assassinatos de jornalistas, poucos são os trabalhos acadêmicos que refletem sobre a problemática.

Em muitos trabalhos, a Pesquisa Bibliográfica é a única técnica utilizada, enquanto que, em outros, é uma etapa inicial e uma espécie de mapeamento de produções. Na dissertação de mestrado, optou-se pela segunda opção, tendo em vista que a análise foi feita a partir da Análise de Discurso de linha francesa. Após a formulação do problema de pesquisa e da elaboração do plano prévio de trabalho, foi realizada uma busca em bancos de dados pela palavra-chave “violência contra jornalistas”, aliada em um segundo momento a tipos específicos de violência. Utilizei como banco de dados a BDTD - Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, o Portal de Periódicos da Capes e anais de eventos como Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, SBPJor - Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Ainda, foi feita uma busca nos grupos de pesquisa “Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão”, do Intercom,

“Grupo de Pesquisa Jornalismo, Direito e Liberdade”, da ECA-USP, e o “Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura”, também da USP. Nesses levantamentos foram encontrados apenas 27 trabalhos que falam sobre as liberdades de expressão, imprensa e informação, ou sobre algum tipo de violência, como a censura ou a autocensura, presentes no mundo de trabalho dos jornalistas. Destes, alguns mencionam dados sobre a violência contra jornalistas, porém nenhum deles se propõe a uma análise detalhada da violência contra jornalistas no Brasil.

Sobre o caso mexicano, país líder em violência contra profissionais de imprensa na América Latina, encontrei a dissertação de Osuna Zamora (2016), da Universidade Federal de Goiás, intitulada “Jornalismo e liberdade de imprensa em Sinaloa, México, em contexto de violência”. Zamora expõe as condições precárias para o exercício no jornalismo no seu país de origem e o seu principal objetivo foi entender o jornalismo a partir de suas tensões internas e relações entre o jornalismo como atividade comercial. A pergunta que norteou a pesquisa foi sobre quais as estratégias desenvolvidas por jornalistas do jornal Noroeste, do estado de Sinaloa, para manter suas atividades profissionais no contexto de violência. O seu principal objetivo foi detectar os fatores que ameaçam o exercício do

jornalismo no Estado e como tem sido a aplicação das leis de proteção aos jornalistas. Por meio de entrevistas, Zamora concluiu que, embora ameaçados, os jornalistas ainda valorizam suas ações profissionais, mas reconhecem a necessidade de melhor regulamentação da profissão. Além disso, a preocupação com o futuro está presente nos entrevistados que se mostraram tristes com a violência e preocupados com as incertezas em relação à profissão.

Encontrei apenas uma tese abordando diretamente a violência contra jornalistas, elaborada na Universitat Pompeu Fabra, em Barcelona, pela colombiana Marisol Cano Busquets (2016), intitulada "Violencia contra los periodistas: Configuración del fenómeno, metodologías y mecanismos de intervención de organizaciones internacionales de defensa de la libertad de expresión". A tese, que também deu origem ao livro com o mesmo nome, lançado em 2019, aborda o tema da violência a partir de um estudo comparativo de dez organizações internacionais de defesa da liberdade de expressão. O objetivo do trabalho é construir um marco global analítico da luta sobre a violência contra jornalistas na primeira década do Século 21. Para tanto, a autora analisa a metodologia de trabalho das organizações, examina os conceitos, políticas e mecanismos de intervenção utilizados.

Com a pesquisa, Busquets (2019) realiza uma aproximação com o tema da violência e apresenta resultados que mostram a importância do trabalho das organizações internacionais para o conhecimento do fenômeno da violência e que a maior contribuição da academia seria estudar e compreender as dimensões e significações deste fenômeno.

No Brasil, nenhuma dissertação ou tese que trabalhe diretamente com o tema foi encontrada até a conclusão da dissertação. Notei, no entanto, por meio de um trabalho recente publicado na SBPJor, intitulado “Características da violência contra jornalistas a partir dos registros da Fenaj”, de autoria de Aline de Oliveira Rios, que a violência seja o tema de pesquisa da mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná. Sobre o artigo, a proposta da autora foi caracterizar os processos de violência apostando em analogias com a atividade jornalística, analisando o relatório sobre violência contra jornalistas da Fenaj de 2018. Para tanto, buscou entender quais são as características da violência contra jornalistas e o que elas revelam sobre o contexto em que são praticadas. Porém, faz uma crítica à metodologia de classificação utilizada pela Fenaj entendendo que ela não dá conta do fenômeno. Assim, por meio da Análise de Conteúdo, defende a hipótese de que “a violência contra jornalistas é produzida prioritariamente como forma

de impedir a atividade profissional e, portanto, nem todos os ataques contra jornalistas podem ser tratados como caso de 'violência contra jornalista'" (RIOS, 2019, p. 18-19).

Além deste trabalho, localizei outros que falam sobre algum tipo de violência de forma específica ou que encontram a violência como um aspecto resultante da prática profissional. Como sugere Gil (2008) depois de feita a seleção de material, realizei a leitura do material, a confecção das fichas com o que julguei mais importante de cada trabalho – geralmente resumo do trabalho, principais autores e conceitos abordados – e construção da lógica de trabalho para a redação do texto. Esses achados, ou falta de pesquisas na área, serviram para justificar a pesquisa e para ressaltar a importância da discussão da temática também pela academia, tendo em vista que as organizações de defesa da liberdade de expressão que monitoram os casos de violência contra jornalistas já elaboram material há mais de uma década.

Já na fase em que me encontro no momento de elaboração deste relato, ainda no início da escrita do projeto da tese de **Doutorado**, também no POSCOM/UFSM, com orientação da Profa. Dra. Márcia Franz Amaral, a Pesquisa Bibliográfica foi utilizada para aproximação de uma nova área de pesquisa em Comunicação sobre meio ambiente.

Pesquisas recentes apontam para o aumento da violência contra jornalistas que cobrem temáticas ambientais no Brasil e no mundo. A partir da preocupação com os sujeitos e as suas práticas, fiz um mapeamento dos trabalhos sobre “jornalismo ambiental” disponíveis na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), a fim de identificar e esmiuçar as reflexões realizadas sobre o tema, bem como os principais autores utilizados e as perspectivas de conceituação de jornalismo ambiental.

Foram encontrados 320 resultados na base de dados da BDTD, sendo 235 dissertações e 85 teses. Refinando a busca destes trabalhos, apenas 33 possuem a palavra-chave “jornalismo ambiental”. Estas pesquisas foram salvas e o seu conteúdo foi analisado. Ao realizar a primeira leitura no material, identificou-se que sete trabalhos, apesar de tratarem da temática, não listavam, dentre as palavras-chave da dissertação ou tese, o termo “jornalismo ambiental”. Sendo assim, elas foram eliminadas e os demais 26 trabalhos foram utilizados para a análise dos dados. Do total de 26 trabalhos analisados, 18 são dissertações e oito são teses. O primeiro estudo encontrado na base de dados da BDTD é de 2005. Depois, ano a ano, com exceção de 2006, 2009 e 2018, foram identificadas pesquisas com a palavra-chave “jornalismo ambiental”.

Dos achados desse exercício, resulta o redirecionamento do meu projeto de tese, na medida em que descobri que, para trabalhar com o termo “jornalismo ambiental”, é necessário que os jornalistas que escrevem sobre a temática sigam uma série de requisitos para se enquadrar na proposta. Neste sentido, a abordagem da pesquisa segue interessada na área ambiental, mas com a atenção concentrada nos livros de repórter escritos por jornalistas. Os objetos selecionados para um primeiro exercício de aproximação com a temática são três livros escritos sobre temas de grande relevância atual, no que diz respeito à temática ambiental: “Arrastados: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil”, de Daniela Arbex; “Tragédia em Mariana: a história do maior desastre ambiental do Brasil”, de Cristina Serra; e “Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo”, de Eliane Brum. Cada vez mais os livros têm se tornado espaço de reflexão sobre o saber, os procedimentos, as experiências e, principalmente, a crítica das práticas.

Nessa mudança de proposta, novamente embarco no desafio de fazer o levantamento dos trabalhos sobre o conceito “livro de repórter”. A Pesquisa Bibliográfica, mais uma vez, está sendo essencial para o processo de investigação acadêmica.

Tenho a impressão que, apesar de nem sempre mencionarmos que estamos fazendo este tipo de pesquisa, o começo de tudo é a Pesquisa Bibliográfica. Sigo, portanto, meu trabalho de coleta, sem deixar para trás toda a bagagem já adquirida até aqui.

Referências

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Universidade Federal do Ceará, 2007. 21 p.

BUSQUETS, Marisol Cano. **Violencia contra los periodistas**: Configuración del fenómeno, metodologías y mecanismos de intervención de organizaciones internacionales de defensa de la libertad de expresión. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNG, Cleusa. **“¿Para qué el periodismo si te van a matar?”**: violencia contra jornalistas no México. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

_____. **“Violência contra jornalistas no Brasil: análise discursiva dos relatórios de organizações de defesa da liberdade de expressão.** Dissertação, Mestrado em Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** In: Revista Katálysis. Florianópolis, 2007, v. 10.

RIOS, Aline. Características da violência contra jornalistas a partir dos registros da Fenaj. **In:** 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2019, Goiânia. Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia: SBPJor, 2019. p. 1-21.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ZAMORA, Ana Rosalva Osuna. **Jornalismo e liberdade imprensa em Sinaloa, México, em contexto de violência.** 2016. 107 p. Dissertação, Mestrado em Comunicação, Faculdade de Informação

e Comunicação, Universidade Federal de Goiás,
Goiânia, 2016.

SOBRE A AUTORA

Cleusa Jung é Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação e bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM/CNPq).



CAPÍTULO IV

A entrevista em profundidade e os estudos em jornalismo

Felipe Boff

Técnica metodológica muito acionada nas Ciências Sociais, a Entrevista em Profundidade é particularmente relevante nos Estudos em Jornalismo, e não apenas por sua similitude com a técnica jornalística básica de coleta de informações. É a partir desta perspectiva que, neste texto, observamos algumas das principais características da técnica em questão, tomando como referência epistemológica o capítulo-síntese de Jorge Duarte (2011).

A Entrevista em Profundidade é utilizada tanto como base metodológica de pesquisa quanto como método complementar, associando-se especialmente a metodologias como a Análise de Conteúdo e a Revisão Bibliográfica, ou como ferramenta em Estudos de Recepção, por exemplo. Na Comunicação, é notável sua aplicação em pesquisas sobre Jornalismo, com destaque para a investigação das práticas jornalísticas. Poderíamos supor, aliás, que

essa escolha metodológica tenha influência da própria *práxis* profissional, uma vez que a reflexão acadêmica sobre a área é, em boa parte, conduzida por pesquisadores jornalistas.

Enquadro-me nesta categoria, conjugada no ofício de professor universitário que se dedica principalmente ao ensino das práticas. Observo a transposição da entrevista à investigação científica como caminho natural, que frequentemente indico aos estudantes em trabalhos de conclusão de curso voltados ao fazer jornalístico. Parece justo que o autor de textos (notícias, reportagens, livros-reportagem etc.) transformados em objeto de pesquisa tome conhecimento da reflexão acadêmica que está sendo empreendida sobre eles e possa colaborar com o pesquisador, discutindo e elucidando aspectos que estão além do texto (condições de produção, estrangimentos internos do veículo, decisões editoriais, entre outros). Esse movimento metodológico, apesar de ser de simples execução, como demonstraremos a seguir, acresce uma complexidade vital ao trabalho científico. Ao desvelar o *processo de produção*, não raro desmonta hipóteses teóricas que pareciam sólidas na mera leitura do produto, tensiona o problema de pesquisa e abre novas perspectivas de estudo. Exige empatia do pesquisador com o jornalista, mas sem perder de vista que exercem papéis distintos.

No Jornalismo, a entrevista é procedimento basilar para a coleta de informações que, adiante, irão compor o relato do repórter, e em sua versão mais completa configura-se mesmo em gênero jornalístico. Convém, portanto, iniciarmos por diferenciar a Entrevista em Profundidade, método acadêmico-científico, da entrevista jornalística.

A exemplo da jornalística, a entrevista científica também busca investigar aspectos centrais daquilo que objetiva conhecer. Numa analogia com as seis perguntas-base da apuração jornalística – *Quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?* –, diríamos que a Entrevista em Profundidade está focada no “*Como?*” e no “*Por quê?*”. Condicionada por essa exigência de “profundidade” e balizada por parâmetros teóricos, essa entrevista se revestirá de princípios, técnicas e objetivos próprios.

Duarte (2011, p. 62) define a Entrevista em Profundidade como técnica qualitativa – embora ela também possa gerar resultados quantitativos relevantes, quando aplicada sobre base ampla de entrevistados, por exemplo – que “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. Leva-se em conta, portanto, a subjetividade dos entrevistados, fator que também deverá ser considerado na análise. Talvez por isso Duarte

(2011, p. 63) afirma que a entrevista não é um método indicado para testar hipóteses, por não propiciar resultados “objetivos” ou “mensuráveis”.

Tendemos a discordar da ressalva. Ora, hipóteses teóricas são testadas na própria discussão de ideias, e para isso a entrevista se apresenta como uma poderosa ferramenta. Encontramos um bom exemplo em Robert S. Boynton (2005), na obra em que propõe o conceito de “*novo Novo Jornalismo*” como versão atualizada e contemporânea do jornalismo literário estadunidense que se celebrou entre as décadas de 1960 e 1970. Jornalista, professor e pesquisador, Boynton poderia defender esta hipótese – de que há um “*novo Novo Jornalismo*”, que bebe da fonte do “*Novo Jornalismo*” mas o reconfigura, tanto em práticas quanto em linguagem – somente a partir dos textos. Entretanto, opta pela Entrevista em Profundidade com 19 destacados jornalistas (do passado e do presente) para elaborar sua hipótese a partir dessa discussão, na qual consegue definir características, comparar interpretações, desvelar práticas, enfim, investigar a fundo seu objeto e sustentar sua hipótese conceitualmente.

Aqui temos um ponto de partida importante para a aplicação da Entrevista em Profundidade: a seleção dos informantes. Duarte (2011, p. 68) considera essa etapa um dos três pilares para

assegurar a confiabilidade da metodologia na pesquisa, ao lado da correta aplicação de seus procedimentos e da apropriada descrição dos resultados. O critério fundamental é que os informantes sejam “capazes de responder à questão da pesquisa” (DUARTE, 2011, p. 68). Entretanto, isso não significa que todos os informantes devam ser especialistas ou autoridades no campo investigado. O método da entrevista é reconhecido pela flexibilidade, o que significa que pode ser adaptado aos informantes e às questões específicas que se pretende investigar.

Assim, Duarte (2011, p. 70) classifica os informantes em cinco tipos: especialista (contribui para discussão do problema de pesquisa, embora não esteja diretamente envolvido com ele), informante-chave (diretamente envolvido com as questões centrais da pesquisa), informante-padrão (envolvido com a questão, mas que pode ser substituído por outro em posição semelhante), informante-complementar (para elucidação de aspectos específicos relacionados à questão principal) e informante-extremista (crítico ou contrário às demais fontes, propicia o confronto de visões sobre o tema).

Um exemplo dessa diversidade de informantes – todos relacionados à questão da pesquisa, ressalte-se, ainda que em graus e circunstâncias

variáveis – é o projeto *Histórias do Poder*, que entrevistou 52 políticos (ex-presidentes, ex-ministros e parlamentares) e personalidades (midiáticas, culturais, religiosas) para revisar e refletir sobre um século de política no Brasil, sob a organização de Alberto Dines, Florestan Fernandes Jr. e Nelma Salomão (2000).

Nos estudos qualitativos, entretanto, é mais comum que o número de informantes seja reduzido (DUARTE, 2011, p. 68), o que inclusive facilitará o tratamento dos resultados, como veremos adiante. E vale acrescentar que uma possível diversidade de informantes não se reflete automaticamente em uma variedade de procedimentos. Entende-se como ideal que o pesquisador aplique um mesmo tipo de entrevista aos informantes, também como forma de consolidar a análise subsequente.

Duarte (2011, p. 65-68) classifica a Entrevista em Profundidade em três tipos principais, que observamos no quadro abaixo:

Figura 1 - Modelo de tipologia em entrevista

Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminadas
	Semi-estruturadas	Semi-aberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: (DUARTE, 2011, p. 65)

A entrevista *Aberta* é norteada pela *questão central* da pesquisa, mas não exige uma elaboração prévia de perguntas (que são, portanto, *não-estruturadas*) por parte do pesquisador. A entrevista *Semi-Aberta* é realizada a partir de perguntas *semi-estruturadas*, estabelecidas em um *roteiro* prévio, que, entretanto, pode (e deve) ser complementado por perguntas que ajudem a elucidar aspectos do que se pretende investigar. A entrevista *Fechada* é integralmente aplicada a partir de um roteiro prévio – chamado então de *questionário* –, e pode inclusive ser auto-aplicada. É a que mais serve às pesquisas quantitativas, pois costuma apresentar perguntas com respostas previstas (sim/não, múltipla escolha) que podem ser facilmente mensuradas.

Nas pesquisas qualitativas, podemos observar uma predominância da entrevista do tipo Semi-

aberta. Um exemplo de sua aplicação é a tese de doutorado *Narradores do Contemporâneo: jornalistas-escritores e o livro-reportagem no Brasil*, em que o pesquisador Alexandre Zárate Maciel (2018) entrevista 10 jornalistas e dois editores, propondo-lhes a classificação de “jornalistas-escritores” e discutindo as características de produção do “livro-reportagem”. Outro é a ampla pesquisa sobre práticas jornalísticas, ações de resistência e “livros de repórter” conduzida por Beatriz Marocco, que envolveu entrevistas com 17 jornalistas, feitas simultaneamente por múltiplos pesquisadores-entrevistadores (MAROCCO, 2016; MAROCCO; ZAMIN; SILVA, 2019). Um terceiro exemplo, para citar outra área de estudo, é *Palavra de Roteirista*, em que o roteirista, pesquisador e professor Lucas Paraizo (2015) entrevista 21 roteiristas brasileiros para investigar suas técnicas e concepções sobre a profissão.

A opção pela entrevista Semi-Aberta favorece a etapa final desse recurso metodológico, que é a análise dos resultados. “Uma vantagem desse modelo é permitir criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes”, salienta Duarte (2011, p. 67). A estruturação das perguntas fornece um quadro de categorias preliminar – que

pode ter sua pertinência confirmada ou não nas entrevistas, vale ressaltar, e, portanto, pode ser adaptado posteriormente para a análise –, o que permite filtrar os resultados (as respostas dos informantes) a partir das questões de pesquisa, e não de cada entrevista realizada.

Também pode ocorrer, entretanto, que a estruturação das questões implique uma divisão prévia dos informantes, que se constituirá na própria categorização. É o caso do já mencionado *Histórias do Poder*, dividido em três volumes – *Militares, Igreja e Sociedade Civil; Ecos do Parlamento; e Visões do Executivo* –, com entrevistados separados por categoria.

Com a análise, enfim, completa-se a aplicação metodológica da Entrevista em Profundidade, na qual “os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em *diálogo* inteligente e crítico com a realidade” (DUARTE, 2011, p. 62-63, *grifo nosso*).

Diálogo é a palavra-chave, indica que a metodologia pode ser muito mais do que ferramenta de investigação científica. É o que acontece com a Entrevista em Profundidade, que contribui para uma profícua aproximação entre contrapartes dos Estudos em Jornalismo – pesquisadores e jornalistas, “academia” e “mercado”, teoria e prática – e, sobretudo, humaniza a pesquisa.

Referências

BOYNTON, Robert S. **El nuevo Nuevo Periodismo**. Barcelona: Publicacions Edicions de la Universitat de Barcelona, 2005.

DINES, Alberto; FERNANDES JR., Florestan.
SALOMÃO, Nelma. **Histórias do Poder: 100 anos de política no Brasil**. Vols. 1, 2 e 3. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MACIEL, Alexandre Zárate. **Narradores do Contemporâneo: jornalistas-escretores e o livro-reportagem no Brasil**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2018.

MAROCCO, Beatriz. **Ações de resistência no jornalismo: "livro de repórter"**. Florianópolis: Insular, 2016.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Ângela; SILVA, Marcia Veiga da (orgs.) **Livro de repórter: autoralidade e crítica das práticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019. E-book.

PARAIZO, Lucas. **Palavra de Roteirista**. São Paulo: Editora Senac, 2015.

SOBRE O AUTOR

Felipe Boff é Professor de Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), onde coordena a *Beta Redação*, laboratório de práticas jornalísticas, e edita a revista experimental *Primeira Impressão*. Jornalista (UCS), mestre em Ciências da Comunicação (Unisinos) e aluno do doutorado em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trabalhou em jornais, sites e revistas e participou do XX Curso Abril de Jornalismo de Revista.



CAPÍTULO V

A pesquisa documental como proposta metodológica para pesquisas em comunicação

Johnny Ribas da Motta

O propósito deste relato é apresentar uma reflexão sobre as potencialidades da pesquisa documental como proposta metodológica para pesquisas em comunicação. É sabido que a pesquisa documental se tornou um dos procedimentos mais relevantes para as investigações científicas, pois pode corroborar e aumentar os indícios de outras fontes, principalmente quando o objeto em análise demanda de uma observação múltipla e carece de diversas fontes de evidências (YIN, 2010). Este procedimento é indicado já que pode favorecer a observação do processo de maturação, mudança e evolução dos indivíduos, grupos, mentalidades, conhecimentos, conceitos, comportamentos e práticas. Esta estratégia faz com que os documentos se incorporem a outros de natureza diversa, como, por exemplo, objetos, signos, símbolos e paisagens

(VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1995; CELLARD, 2008).

A partir da pesquisa documental é possível coletar informações que visem auxiliar a compreensão do objeto analisado, uma vez que permite a realização da reconstrução e acréscimo da dimensão temporal à compreensão social (CELLARD, 2008). Além disso, possibilita a realização de inferências como indícios para o aprofundamento em outras fases da coleta, a exemplo, o que ocorre em estudos que objetivam uma aproximação ou reconstrução histórica-política do processo de comunicação de uma determinada organização.

Uma das dúvidas mais frequentes quando falamos do uso de documentos em pesquisas científicas diz respeito ao tipo de procedimento que se propõe realizar, isto é, se ao utilizar, se faz a partir de pesquisa, método, análise ou técnica documental. Essa dúvida é notória e permeia as discussões do campo científico, dado o olhar multidisciplinar e interdisciplinar que a pesquisa documental tem nas ciências sociais, ciências sociais aplicadas e, principalmente, no campo da comunicação.

Como o próprio título deste relato já esclarece, a partir de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), entende-se que quando o objeto empírico é formado por documentos, utilizados para extração de

informação por meio de técnicas de manuseio e análise, de etapas e procedimentos, posteriormente organizados, categorizados e analisados, o trabalho do investigador se faz a partir de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos. Desta forma, ao utilizar técnicas e métodos para a compreensão e análise de documentos diversos, o pesquisador o faz a partir do procedimento da pesquisa documental (SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009).

Este argumento dos autores é baseado em Minayo (2008, p. 22), ao esclarecer que ao imprimir o enfoque plural, assim como a metodologia, a pesquisa documental utiliza-se dos mesmos fundamentos, isto é, que incluem “as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador”. Para Sá-Silva *et al.* (2009) o fundamento proposto pela autora se aplica a qualquer pesquisa e, por este motivo, não seria diferente na utilização de documentos como fontes de evidências.

Outra dúvida recorrente é se ao fazer pesquisa documental estamos também praticando pesquisa bibliográfica. Ou, ainda, se ambas são sinônimas. Cabe aqui um parênteses e um esclarecimento importante sobre esses conceitos constantemente confundidos. Sá-Silva *et al.* (2009) esclarecem que a pesquisa documental é muito

próxima da pesquisa bibliográfica, contudo, o elemento diferenciador está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica está para as contribuições de diferentes autores sobre um determinado tema e se faz por meio de fontes secundárias, aquelas já apreciadas cientificamente, a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento científico, isto é, baseadas em fontes primárias.

É significativo enfatizar que tanto a pesquisa documental quanto a pesquisa bibliográfica têm o documento como objeto de investigação. Contudo, destaco que o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos ou impressos. O documento como fonte de evidências pode ou não ser escrito, e se apresenta de diversas formas, como filmes, vídeos, fotografias e outros. Esses documentos são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, conforme o interesse de cada pesquisador e dos objetivos de pesquisa (FIGUEIREDO, 2007).

Assim, o termo *documento* acaba sendo um termo genérico para se referir a uma ampla gama de materiais considerados relevantes para um determinado estudo. Ao tratar deste tipo de fonte falamos de qualquer "suporte que contenha

informação registrada, formando uma unidade que possa servir para consulta, estudo ou prova” (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67), ou ainda, tudo aquilo que é considerado vestígio do passado, que serve como fonte de evidências. Assim, é possível dizer que no universo dos documentos, incluem-se materiais manuscritos, impressos, digitais, registros sonoros, registros imagéticos, audiovisuais e outros (CELLARD, 2008).

Além desses, os documentos podem ser caracterizados como registros em arquivos, que são frequentemente disponibilizados no formato de arquivos e registros computadorizados por organizações públicas e privadas. Estes documentos incluem uma gama de evidências, como censos, informações públicas, dados estatísticos dos governos federais, estaduais e municipais, além de registros de serviços, como aqueles que mostram o número de pessoas atendidas durante determinado período; os registros organizacionais, como orçamentos, relatórios e dados de levantamentos, bem como mapas e gráficos das mais diversas características geográficas locais (MOTTA, 2020; YIN, 2010; CELLARD, 2008; MERRIAM, 2002).

Diante disso, é importante enfatizar que o ponto de partida de uma pesquisa não é necessariamente a análise de um determinado documento, mas sim a formulação de um

questionamento, de um problema de pesquisa. Conforme exploram Lopes e Galvão (2001), problematizar as fontes é um passo fundamental já que as evidências não falam por si só, são, conforme esclarecem, indícios e testemunhas que auxiliam a resposta às perguntas que são apresentadas. Em linhas gerais, é o “problema quando problematizado” pelo pesquisador que determinará quais serão as fontes de evidências necessárias para a resolução da questão de pesquisa.

Na comunicação, a utilização da pesquisa documental tem avançado para além da reconstrução histórica dos meios de comunicação, seus personagens ou períodos. A apropriação desse procedimento tem avançado e representado um passo importante para a resolução de problemas de pesquisa dos mais diversos objetos comunicacionais (MOREIRA, 2008). Para sintetizar essa explanação, optei por apresentar neste relato um exemplo prático da utilização da pesquisa documental em um esquema de convergência de evidências (YIN, 2010; MOTTA, 2020).

Em resumo, o problema de pesquisa apresentado em minha dissertação de mestrado¹³ –

¹³ MOTTA, J. R. D. Comunicação pública e campanhas nacionais de vacinação em contexto de midiaticização: as estratégias comunicacionais do Ministério da Saúde na crise da cobertura vacinal de 2018. 2020. 321 f. Dissertação (Mestrado em

defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da professora doutora Nelia Rodrigues Del Bianco –, foi analisar de que forma o Ministério da Saúde (MS), ao estabelecer as estratégias de comunicação em ambientes digitais para a Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite e contra o Sarampo de 2018, acionou processos sintonizados com os princípios da comunicação pública.

O argumento central utilizado foi de que a compreensão do papel da comunicação pública praticada pelas instituições só é possível a partir da observação do tripé institucional que a compõe, formado pelos aspectos 1) normativos, aqueles que refletem o ideal prático e preceitos éticos; 2) das capacidades fáticas, que diz respeito às possibilidades de interação comunicativas empreendidas em seus mecanismos digitais, e; 3) estratégico, que refere-se à produção profissional de comunicação das organizações, com o objetivo de projeção de uma imagem recepcionada positivamente, a partir da proposição de sentidos

Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
Disponível em:
<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10844>>. Acesso em: 4 dez. 21.

estrategicamente reforçados (MOTTA, 2020; WEBER, 2017; ESTEVES, 2011).

Com base no problema apresentado, para chegar ao objetivo geral – isto é, estratégico –, foi necessário delimitar três objetivos específicos, um deles, focado nos aspectos normativos do Ministério da Saúde, com o intuito de compreender de que forma a legislação aciona os princípios que norteiam a comunicação pública. A partir disso, empreguei diferentes evidências combinadas por normas, leis, regulamentos e documentos internos de gestão para reconstruir historicamente os indícios que orientaram a criação e continuam orientando o funcionamento do Ministério da Saúde, bem como os princípios que guiam a *práxis* da comunicação da organização. Com base no levantamento realizado a partir da pesquisa documental, busquei reconstruir as responsabilidades institucionais e as propostas que orientavam o cumprimento das ações comunicacionais da respectiva campanha de vacinação.

Essa escolha foi baseada nos argumentos de Yin (2010), ao afirmar que a triangulação de múltiplas fontes de evidência (Figura 1) permite abordar os potenciais problemas de validade do constructo, possibilitando que o pesquisador alcance várias avaliações do mesmo fenômeno. É nesse sentido que a pesquisa documental se estabelece como uma importante estratégia para alcance dos

objetivos de uma investigação, principalmente, quando a resolução da problemática demanda de um objeto empírico formado por diferentes evidências, entre elas, os documentos.

Além destes, observei que alguns documentos de arquivos públicos não estavam disponíveis no portal da transparência do órgão, para isso, solicitei via Lei de Acesso à Informação (LAI) registros sobre investimentos e recursos aplicados no desenvolvimento das ações da campanha de vacinação, além do acesso ao Relatório Gerencial do Departamento de Ouvidoria-geral do Sistema Único de Saúde, que à época estava indisponível no *site* do MS. Para ilustrar, o esquema abaixo reproduz o uso combinado das fontes de evidências estabelecidas para o estudo da comunicação pública do órgão, entre elas, a pesquisa documental.

Figura 1 – Esquema de convergência de evidências para a coleta de dados



Fonte: Motta (2020).

Com base na abordagem de Yin (2010) sobre a convergência de evidências, com o intuito de subsidiar o levantamento dos dados da dimensão normativa, utilizei a perspectiva da pesquisa documental proposta por Cellard (2008). Para tal, embasado na definição da problemática e dos objetivos de pesquisa, operei os procedimentos a partir de três etapas, sendo a: 1) seleção e identificação dos documentos; 2) leitura e apreciação; e 3) análise e interpretação.

Ressalta-se que as etapas iniciais de seleção e identificação são fundamentais para a composição

do *corpus* de análise, antes mesmo de seguir para fase de análise e interpretação. Para isso, considere os cinco apontamentos propostos por Cellard (2008), considerando o ponto de partida da seleção, identificação e apreciação dos documentos, sendo:

- 1) Observar o *contexto* em que essas evidências selecionadas foram produzidas, o período, os destinatários e determinar, por exemplo, o contexto sócio-político do proponente;
- 2) Identificar o *autor ou os autores*, isto é, quem são as pessoas que formataram e criaram esses documentos? Qual o interesse e motivação que os levaram a escrever?;
- 3) Outro apontamento é sobre a *autenticidade* e a *confiabilidade* do texto. Neste passo, é importante que o pesquisador verifique a qualidade e a precedência da informação transmitida, de certa forma, até mesmo desconfie de possíveis erros;
- 4) Seguimos para a *natureza do texto*; em que se deve considerar a natureza e o suporte, antes de qualquer conclusão. Essa característica pode variar muito de acordo com o contexto em que foi escrito ou criado. A exemplo, os documentos de natureza técnica, que normalmente são escritos em função de seus leitores;
- 5) O último apontamento diz respeito aos *conceitos-chave* e à *lógica interna do texto*. É nesse caso que o pesquisador precisa compreender satisfatoriamente os conceitos que integram essas evidências, os sentidos das palavras, termos e assim

avaliar a importância, a lógica e as partes principais da argumentação.

A partir da composição do *corpus* de análise sob os princípios de Cellard (2008), depois de selecionados, identificados e apreciados, segui para fase de análise e interpretação das evidências, a qual, levando em conta o problema e os objetos de pesquisa, realizei a partir da perspectiva da Análise Histórico-descritiva (SANTAELLA *apud* DEVITO, 2001). Este tipo de técnica possibilita a descrição de comportamentos, atitudes e valores, além de auxiliar na reconstrução do passado e na compreensão dos fenômenos por meio dos variados tipos de documentos. Ressalto que, a depender dos documentos que compõem o *corpus*, qualquer outro tipo de técnica de análise pode ser empregada, dependendo da criatividade do investigador e dos objetivos de pesquisa.

Entre os principais achados constatei que o Ministério da Saúde teve um papel importante ao longo do percurso de constitucionalização e foi fundamental para o desenvolvimento da saúde pública brasileira. Além disso, a partir da análise feita nos documentos foi possível “presumir que a promoção da saúde pública de qualidade, estabelecida como um direito de todo o cidadão e um dever do Estado em provisioná-lo, constitui-se como um” dos pilares da democracia, responsável pelo

pleno estabelecimento do direito à saúde como princípio de cidadania (MOTTA, 2020, p. 216).

A defesa da saúde como direito é um dos argumentos centrais funcionais do órgão, visto que as discussões que permeiam o direito à saúde são inerentes ao interesse público. Conclui enfatizando que enquanto uma instituição pública, é responsabilidade desse Ministério defender a saúde e privilegiar o interesse público em todas as suas ações, garantindo, “mediante políticas econômicas e sociais melhorias das condições de saúde da população – por intermédio de ações assistenciais integradas, da divulgação de informações em saúde e de atividades preventivas” (MOTTA, 2020, p. 216). Ficaram evidentes as possibilidades de interpretação oportunizadas pelo uso da convergência de evidências atreladas aos ideais da dimensão normativa e da pesquisa documental (CELLARD, 2008; YIN, 2010; ESTEVES, 2011).

Em síntese, a partir da pesquisa documental foi possível observar o processo de maturação e mudança nas práticas institucionais do Ministério da Saúde ao que compete a *práxis* da sua comunicação pública. Esse procedimento possibilitou coletar informações que auxiliaram a compreensão do objeto em análise, uma vez que os documentos permitiram reconstruir e compreender o *status* social do MS. Para além disso, permitiu a realização de inferências

como indícios para um aprofundamento em outras fases presentes no esquema de convergência de evidências apresentado na Figura 1.

Desta forma, ao apresentar este relato propus refletir, mesmo que sucintamente, sobre as possibilidades metodológicas que os documentos têm para as investigações das mais diversas áreas do conhecimento, principalmente, para as ciências da comunicação. É também por meio deste procedimento que os pesquisadores podem produzir novos conhecimentos, elaborar formatos e *insights* capazes de auxiliar na compreensão dos fenômenos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Conforme falamos, é importante sublinhar e compreender que os documentos não existem isoladamente, em um vácuo, sem contexto e história, mas necessitam ser situados em uma estrutura teórica e contextual para que o conteúdo exposto seja de fato compreendido e apreciado (MAY, 2004).

Assim como qualquer outro método e técnica, a pesquisa documental também apresenta limitações e desvantagens. Alguns autores afirmam que dentre as limitações, em alguns casos, os documentos não conseguem traduzir as informações verdadeiras dos contextos, por serem consideradas evidências não-representativas. A falta de objetividade e validade também é um fator questionado, visto que alguns mencionam o fato de que essas evidências resultam

de produção humana e, por conseguinte, perdem confiabilidade. Outros indicam como desvantagem o próprio acesso às evidências, como, por exemplo, os registros em arquivos de dados públicos, que, por vezes, possuem acesso restrito e submetem o pesquisador a uma seleção compulsória (GUBA; LINCOLN, 1981; FLICK, 2009).

Por fim, diante das possibilidades e desvantagens expostas, conclui-se que um dos papéis da pesquisa documental é possibilitar que o investigador contextualize momentos, situações, ambientes e fatos que o conduzam ao reconhecimento de novas perspectivas, contudo, sem excluir ou desconsiderar o teor substancial e original que os envolvem. Salienta-se que ao selecionar a pesquisa documental como procedimento de pesquisa é importante que o trabalho dos pesquisadores seja realizado de forma cuidadosa, aprofundada e minuciosa, tendo em vista que o objeto empírico que compõem as evidências não passou anteriormente por nenhuma apreciação científica (OLIVEIRA, 2007; MOREIRA, 2008).

Referências

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo, Atlas, 2009.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. *et al.* A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

ESTEVES, J. P. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2a ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUBA, E.; LINCOLN, Y. **Effective Evaluation**. São Francisco: *Jossey-Bass*, 1981.

LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. D. O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processo**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research in practice**. *Examples for discussion and analysis*. San Francisco: *Jossey-Bass*, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11 ed. São Paulo, HUCITEC, 2008.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOTTA, J. R. D. **Comunicação pública e campanhas nacionais de vacinação em contexto de midiaticização: as estratégias comunicacionais do Ministério da Saúde na crise da cobertura vacinal de 2018**. 2020. 321 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10844>>. Acesso em: 4 dez. 20.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo. Ed. Hacker, 2001.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I. jul., 2009.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, Y. A.
A pesquisa em História. 5ª ed. São Paulo,
Brasiliense, 1995.

WEBER, M. H. **Nas redes de comunicação pública,
as disputas possíveis de poder e visibilidade.**
In: WEBER, M. H.; COELHO, M. P.; LOCATELLI, C
(orgs.). Comunicação Pública e Política - Pesquisa e
prática. Florianópolis: Insular, 2017.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e
métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2010.

SOBRE O AUTOR

Johnny Ribas da Motta é Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo com *Master in Business Administration* em Gestão da Comunicação Pública e Empresarial pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Graduando em Relações Públicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente dedica-se à pesquisa com temáticas relacionadas à comunicação pública e saúde, comunicação em contexto organizacional e educação e comunicação. E-mail: johnnyribasdamotta@hotmail.com.



CAPÍTULO VI

Análise de Conteúdo: uma visão teórico-prática

Valmíria A. Balbinot

A pesquisa científica tem como característica a descoberta e o desenvolvimento de soluções para problemas de grande relevância, a partir da utilização de métodos e técnicas que auxiliam na obtenção, no tratamento e na análise de dados que servem de fundamento e resposta para a problemática envolvida na pesquisa.

Métodos são considerados válidos quando desenvolvidos e testados com rigor, e cada área científica acaba por validar métodos que viabilizem a realização de cada uma das etapas da pesquisa, de modo que a conclusão tenha relevância científica e social.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo realizar uma breve revisão bibliográfica da metodologia Análise de Conteúdo (AC), proposta por Laurence Bardin. Busca-se trazer apontamentos e reflexões que justificam a utilização da AC como método científico adequado para pesquisas da área da Comunicação e, desta forma, verificar a

adequação deste método para a minha pesquisa do doutorado, que busca aproximar as áreas da Comunicação e do Direito, na resolução de conflitos organizacionais através da mediação. Assim sendo, este estudo se enquadra no escopo do desenvolvimento da minha tese, que está em fase de revisão bibliográfica teórica e metodológica.

O artigo está estruturado em dois segmentos. O primeiro é essencialmente teórico e busca oferecer ao leitor a conceituação, a compreensão, a operacionalização e as possibilidades de uso do método proposto por Laurence Bardin. Já o segundo, intenciona analisar textos de modo a observar as características e a dimensão da aplicação do método. Assim, apresenta alguns exemplos de como o método da análise de conteúdo foi aplicado em três artigos científicos selecionados em periódicos científicos da área das Ciências Sociais e Humanas e em uma dissertação de mestrado. A seleção dos artigos foi aleatória, a partir dos resultados de buscas realizadas com as palavras-chave que orientarão minha pesquisa de doutorado: Organização (estrutura organizacional); Conflitos; Mediação de Conflito e Análise de Conteúdo. Cabe salientar que a escolha da dissertação ocorreu em função de contemplar o binômio estrutura organizacional e conflitos, além de utilizar a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin.

Análise de Conteúdo: conceituação teórica

A Análise de Conteúdo (AC), de Laurence Bardin, foi aplicada inicialmente nos Estados Unidos, como um instrumento para analisar o material jornalístico, entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento, estendendo-se entre 1950 e 1960 para as mais diversas áreas. No Brasil, na área da Comunicação, originou-se entre os anos de 1940 e 1970.

Professora de Psicologia na Universidade de Paris, Bardin aplicou as técnicas da AC na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas. A partir da sua intensa aplicação, pôde sistematizar o método e o definiu como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (2016, p. 25).

Segundo a autora, essa técnica vai além da descrição, pois possibilita a construção de inferências a partir do material analisado. A autora também aponta que “a técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento” (BARDIN, 2016, p. 19).

Bardin apresenta a AC como um método empírico e como um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento. Este método de pesquisa pode ser aplicado para entendermos discursos extremamente diversificados.

Também se aplica a qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, poderia ser escrito, decifrado pelas técnicas da AC (BARDIN, 2016).

A análise de conteúdo, enquanto concepção de ciência, se apresenta como neutra em relação ao significado do texto, e busca desvendar e conhecer o que está por trás do que é dito nas palavras, explorando seu sentido, ou seja, consiste naquilo que o texto quis demonstrar, quis dizer. E mais: aquilo que, em última análise, está por trás do que o texto diz. Para isso, a autora se propõe a fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do seu verdadeiro significado por trás destas palavras.

Cabe destacar que a AC não é apenas descritiva, mas utiliza as inferências, por meio de análises objetivas. Estas inferências procuram esclarecer as causas da mensagem ou as consequências que as provocaram, porque em nada há causalidade, e sim intencionalidade na mensagem produzida.

Assim, Bardin (2016) a apresenta como um método cuja classificação e escolha das categorias possibilita o fracionamento dos elementos das sentenças em forma de “caixinhas”. Segundo a autora, uma análise de conteúdo, além de ser uma análise de significados, encarrega-se da descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo das comunicações e sua respectiva interpretação. No que tange às práticas, alguns exemplos ilustram uma análise de conteúdo segura e objetiva. São eles: análise de entrevista, análise lexical e sintática de uma amostra e análise temática de um texto.

A autora apresenta como critérios de organização de uma análise três etapas cronológicas (BARDIN, 2016): a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Aduz como sendo fundamental observar algumas regras, a exemplo da exaustividade, onde sugere esgotar todo o assunto, sem omitir partes; representatividade, preocupando-se com amostras que representem o universo;

homogeneidade, onde os dados devem referir-se ao mesmo tempo, sendo coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; e pertinência, sendo necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa.

A análise de conteúdo, como método científico, deve levar em consideração três princípios epistemológicos fundamentais, a saber; validade, replicabilidade e confiabilidade (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018). Nesse contexto, Bardin faz referência à importância do processo de codificação dos dados, onde será feita a enumeração de regras, identificando a presença de elementos ou unidades de registros (palavras, temas ou outras unidades). Outro fato importante é a frequência em que aparece a unidade de registro, a intensidade medida através dos tempos dos verbos, advérbios e adjetivos; a direção favorável, neutra ou desfavorável e demais critérios associados (positivo ou negativo); a ordem estabelecida nos registros.

A intenção da análise do conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores, quantitativos ou não (BARDIN, 2016). Tal conceito leva à interpretação e segue sempre no sentido de buscar o que se esconde sob os documentos selecionados, é uma análise do que envolve aquele objeto. É a leitura profunda das

comunicações, indo além da leitura aparente. O pesquisador é fundamental neste momento pois atua como um arqueólogo, detetive, terapeuta no seu papel de descobrir os fatos.

Assim, surge a necessidade de se comparar enunciados e ações entre si, com o intuito de averiguar possíveis unificações. Em contrapartida, quando os temas encontrados são diferentes, cabe ao pesquisador encontrar semelhanças que possam existir entre eles.

Outro aspecto diz respeito à proposição, ou seja, um enunciado geral baseado em dados. Ao contrário dos conceitos, que, segundo a autora, podem ou não se ajustar, as proposições são verdadeiras ou falsas, mesmo o pesquisador podendo ou não as demonstrar. Assim, conclui-se que as proposições derivam de um estudo mais cuidadoso e aprofundado dos dados.

Um aspecto importante que pode auxiliar a AC são as ferramentas tecnológicas para análise profunda dos dados, podendo realizar tarefas, por exemplo a categorização dos dados, com mais agilidade. Bardin (2016) apresenta possíveis técnicas para aplicação na Análise do Conteúdo, quais sejam, análise categorial, de avaliação, de enunciação, de expressão e das relações.

Enfim, essa análise teórica, abordando recortes básicos, permite-nos afirmar que a metodologia

científica exige atenção, tendo em vista a complexidade de suas etapas, visando à confiabilidade de seus resultados. Isto se processa através do aprofundamento ou imersão tanto no *corpus* a ser estudado quanto no referencial teórico, visto que lhe servirá de base para as interpretações e para as inferências.

Análise de Conteúdo: aplicação prática nas pesquisas

No intuito de verificar a aplicação do método de Análise de Conteúdo em pesquisas na área de Comunicação, foi analisado como alguns autores aplicaram o método em suas pesquisas.

O primeiro artigo analisado, elaborado por Moreira, Rodrigues, Snoeije e Costa (2020), intitulado - A mediação como ferramenta de gestão de conflitos interpessoais no contexto universitário, objetivou a reflexão sobre a inserção da mediação como ferramenta de gestão de conflitos em uma instituição federal de ensino superior. Em termos metodológicos os autores o apresentam como um estudo preliminar para um futuro estudo empírico, assim é classificado como dedutivo. Quanto aos objetivos, os classificam como descritivos com abordagem qualitativa, utilizando-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Complementam

que foi realizada uma pesquisa bibliométrica para conhecer outros estudos sobre a temática, a partir de três bases; “*Web of Science, Ebsco e Emerald Insight*, associadas ao contexto organizacional, indexadas e de livre acesso” (2020, p. 128). Foram selecionados 17 trabalhos, num recorte temporal de cinco anos. Para o tratamento dos dados levantados, utilizaram a análise de conteúdo por categorização (BARDIN, 2011).

Assim, a partir dos objetivos específicos, base dos construtos teóricos, foram elaboradas categorias de análise (CA) para cada objetivo específico. Quanto ao resultado, obtido com base nos dados da pesquisa documental, apresentou para cada categoria de análise dados objetivos, que a partir do embasamento teórico foi possível deduzir que a Instituição, objeto da pesquisa, é burocrática e conservadora, pois se utiliza de processos administrativos-legais para tratar os conflitos. Neste sentido, provavelmente haverá resistência na utilização da mediação para a resolução de conflitos, pois isto implica em mudança na cultura da Organização.

A Instituição não utiliza a mediação, no entanto, pode ser um método adequado quando se pensa em satisfação das partes, pois esta estabelece a sociabilidade, valorização do indivíduo, identificação de pontos fracos e fortes da

organização, qualidade do ambiente de trabalho, entre outros. Refere-se principalmente aos conflitos interpessoais menos complexos.

O segundo artigo analisado, elaborado por Urquiza e Marques (2016), intitulado - Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica, descreve de forma pormenorizada a análise de conteúdo (AC) nos seus aspectos teóricos e a exemplificação da aplicação prática. Os autores colocam que a metodologia tem uma complexidade que exige do pesquisador um aprofundamento ou uma imersão tanto no *corpus* a ser estudado quanto no referencial teórico, visto que lhe servirá de base para as interpretações e para as inferências.

O artigo apresenta o método e análise de conteúdo sob dois vieses: o primeiro, onde são expostas todas as fases do método, com destaque para a fase da categorização; na segunda parte, é observado o método de uma forma mais empírica, na análise da comunicação corporativa de uma instituição financeira, é realizada a aplicação do método.

A fase organização da análise iniciou com uma leitura flutuante e uma análise textual, explorando o material para a construção do *corpus*, bem como apresentando a motivação do estudo. Segundo os

autores, o que instigou a pesquisa foi a crescente emissão de mensagens relacionadas à conduta ética (cerca de 30 mensagens) pelo segmento estratégico de uma instituição financeira, cujo impacto evidenciava tensões entre a ética normatizada na instituição e a cultura do resultado arraigada na organização. O *corpus* da pesquisa se constituiu de 19 mensagens, revelando preocupação em relação à ética, que foram dirigidas aos gerentes da instituição. As mensagens foram veiculadas a partir de junho de 2011 e perduraram para além do encerramento das coletas das mesmas, em dezembro de 2013.

A codificação foi realizada a partir da seleção das unidades de contextos, ou seja, os recortes selecionados como palavras e frases essenciais que se relacionam. Os autores observaram que a construção e escolha das unidades de registro, das unidades de contexto, a partir da orientação teórica, foi um tanto complexa, pois elas vão surgindo e se construindo quase ao mesmo tempo, dificultando sobremaneira o processo de categorização. Para transformar os dados brutos em unidades de registro, foram relacionadas as palavras-chave, frases essenciais e tipos de tensões organizacionais.

Na fase do tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação com base no referencial teórico, os autores colocam a importância da

coerência da(s) hipótese(s) reescrevendo-as caso haja um desvio no estudo. Na indução analítica com a transcrição dos dados, deve-se coletar e codificar, na medida em que for lendo os documentos; depois revisar/corriger notas/modificar códigos e suprimir códigos semelhantes. Neste sentido a construção de uma ferramenta (quadro, planilha...) é importante para que se tenha uma visão geral do estudo, e para que se possa fazer um "resumo" e as inferências do que foi coletado.

A fase final foi realizada a partir da comparação entre as evidências coletadas nas mensagens do corpus e o confronto das mesmas com referencial teórico que propiciou a base para análise de conteúdo. Aplicados os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo, elaboraram-se cinco quadros-síntese, um para cada categoria. Dos quadros-síntese apenas um foi trazido ao artigo para comentários. Cada quadro de uma categoria tem a seguinte composição: unidade de registro, tema, unidade de contexto elementar e unidade de contexto. Essa composição vai do geral para o específico, sendo que nesta parte do trabalho tende a ter mais itens para interpretação.

Por fim, os autores ressaltam que a análise de conteúdo possui uma "complexidade que exige do pesquisador um aprofundamento ou uma imersão tanto no *corpus* a ser estudado quanto no referencial

teórico, visto que lhe servirá de base para as interpretações e para as inferências”. Indicam a importância da etapa de categorização, “pois vencida essa etapa, a etapa de análise, interpretação e inferência se tornarão mais fáceis e se bem realizadas podem permitir que pesquisa chegue a bom termo” (Urquiza e Marques (2016, p. 143).

O terceiro artigo analisado, intitulado - Educação para a Paz e a Mediação de Conflitos: um direito e um instrumento para a promoção da cultura de paz, escrito por Sebaje, Hammes e Hammes (2019), apresenta o estudo como centrado teoricamente na interface entre as áreas da educação e do direito. O estudo traz uma abordagem qualitativa que abrange questões pertinentes à promoção da cultura de paz e à mediação de conflitos no âmbito da escola. Apresentam o *corpus* da pesquisa sendo uma escola estadual de ensino médio de Pelotas/RS, onde o universo da pesquisa é composto pela direção (03), professores (08), funcionários (02) e alunos (50) da escola, e a análise de conteúdo (AC) como o método eleito para tratamento dos dados obtidos. O objetivo da pesquisa consiste em “averiguar a percepção da comunidade escolar, no que se refere a cultura de paz e a mediação de conflitos”.

Os autores discorrem rapidamente sobre a cultura de paz, conflito e mediação de conflitos e

apresentam metodologia aplicada na pesquisa (AC) e os resultados da mesma. Salientam que para a criação das categorias foi necessário considerar critérios como validade, pertinência e adequação aos objetivos. Assim, foi elaborada a pesquisa, cuja aplicação se deu por meio de questionário.

As inferências sobre esses resultados demonstram que há a necessidade de qualificar os envolvidos no processo ensino-aprendizagem na promoção da cultura de paz. A importância da implementação de medidas de *compliance* escolar, para nortear as ações, e coibir o *bullying* e a violência em todos os seus aspectos.

Por fim, o quarto texto analisado trata-se de uma dissertação de mestrado, de autoria de Veiga Junior (1993). Intitulada - Controle e conflito organizacional: um estudo de caso na secretaria de saúde do município de Joinville/SC, aborda a relação entre conflito e estruturação organizacional e tem por objetivo investigar até que ponto se relacionam controle organizacional e conflito de interesses entre os grupos de dirigentes e profissionais médicos que atuam nos ambulatórios da Secretaria de Saúde do município de Joinville, Santa Catarina.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, o trabalho apresenta a estrutura organizacional como uma forma de controle sobre as ações e interações entre indivíduos e ou grupos intra-organizacionais, e

controle, como a finalidade da estrutura de adequar as ações e interações organizacionais na busca de objetivos estabelecidos para a organização. Coloca que existe certo consenso quanto ao entendimento da estrutura enquanto forma de controle, no entanto, em relação aos fatores que definem a estrutura não há consenso.

Em termos metodológicos, define a pesquisa como “estudo de caso”, com uma abordagem qualitativa sobre a forma de levantamento. A busca de dados primários se deu através de entrevista onde a população se constitui de 8 dirigentes e 13 médicos da Secretaria de Saúde de Joinville/SC. Os dados secundários foram obtidos através de uma pesquisa documental. A técnica utilizada para o tratamento dos dados obtidos foi análise de conteúdo (AC) segundo Bardin (2016).

Segundo o autor, a partir desta técnica (AC), foi realizada uma leitura superficial de todo material disponível: atas, cartazes, comunicações internas, jornais, documentos oficiais e extra oficiais, com vistas à separação daqueles passíveis de oferecer informações vinculadas ao problema e aos objetivos da pesquisa.

Na sequência, o conjunto de documentos escolhidos, inclusive as gravações das entrevistas, foi delimitado ao período de análise proposto e continha determinações, orientações, manifestações de

opiniões, comunicações de alteração de conduta e registros relacionados à exigência do cumprimento, por parte dos médicos, da carga horária contratada.

Os dados coletados foram apresentados e analisados de forma qualitativa. A análise se orienta pelo referencial teórico apresentado e procura evidências de relação entre controle organizacional e conflito de interesses entre dirigentes ou por profissionais e médicos que atuam no ambulatório.

Desta forma, com base no referencial teórico, e a partir da caracterização e contextualização da organização, foram eleitas as seguintes categorias para a análise dos dados: (i) Controle organizacional; (ii) Valores organizacionais; (iii) Interesses; (iv) Conflito organizacional.

De modo geral, os resultados obtidos mostraram que o grau de rigor do controle organizacional sobre o trabalho médico envolve interesses de dirigentes e profissionais médicos e é definido politicamente. À medida que esses interesses divergem se verifica o reforço do controle e o surgimento de conflitos. A intensidade desses conflitos guarda relação com a rigidez do controle organizacional.

A partir do estudo referente à metodologia de análise de conteúdo proposto por Bardin, foi possível constatar as possibilidades de utilização da mesma em um estudo que envolve aspectos subjetivos como

comportamento pessoal e organizacional. Todos os trabalhos analisados apresentam a importância de um referencial teórico para embasar a aplicação da técnica. Esse referencial teórico orienta, dá norte para o início e término de cada etapa a ser realizada para se atingir os objetivos propostos. Além da pesquisa bibliográfica, todos apresentaram, mesmo que de forma indireta, a importância de uma pesquisa documental, onde materiais como atas, memorandos, matérias de jornal, postagens nas redes sociais, correspondências e todo tipo de registro sobre o assunto em pauta são importantes para contextualizar o ambiente do estudo.

Em alguns casos, apenas esse material pode constituir o corpus da pesquisa. Em termos teóricos, cabe salientar que o que diferencia a pesquisa bibliográfica da pesquisa documental é essencialmente as fontes, que na primeira há a participação de diversos autores que estudaram sobre o assunto, e na última há a utilização de materiais que não tiveram nenhum “tratamento analítico” e que podem ser estudados e analisados de acordo com os objetivos da pesquisa. No entanto, na análise de conteúdo há também a possibilidade da realização de pesquisas com questionários com questões abertas ou fechadas, ou ainda entrevistas em profundidade.

Ainda, com base nos trabalhos analisados, observou-se que a análise de conteúdo se basta como método de estudo científico, mas também pode se integrar a outros métodos e, neste sentido, passa a ser uma técnica de tratamento de dados, como por exemplo no "estudo de caso" ou "levantamento". Segundo Gil (2002 p.50) "levantamento" é o método onde se busca as informações que se deseja saber sobre o problema/assunto, diretamente a um grupo distinto e significativo, e posteriormente se realiza a análise quantitativa dos dados para se chegar às conclusões. Já o "estudo de caso", Gil (2002, p.54) define como um estudo profundo e exaustivo de um objeto, de forma a conhecê-lo detalhadamente.

Um aspecto interessante da análise de conteúdo proposto por Bardin é que o método não se restringe a catalogação e apresentação dos dados coletados, mas a necessidade da compreensão profunda do autor, para fazer as inferências e decifrar as informações que estão por trás do que foi dito no "texto".

Após este estudo, pode-se observar que a análise de conteúdo se apresenta como um excelente método pois trata-se de uma leitura "profunda", determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico, e objetiva a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os

aspectos exteriores. Que a AC mescla a rigidez das pesquisas quantitativas, na coleta de dados, no estabelecimento e constituição das categorias, mas ao mesmo tempo permite a flexibilização na produção das inferências, onde o autor tem a possibilidade de interpretar e fazer uma leitura ampla dos dados coletados. Também pode-se depreender deste estudo que a análise de conteúdo segundo Bardin se constitui em um método de pesquisa adequado para a área da Comunicação, pois respeita as particularidades da área e permite, de forma científica, trabalhar com material não estruturado e de diferentes veículos. Neste sentido a AC se constitui como um ótimo método para a minha investigação no doutorado, pois envolve a contextualização teórica e documental do tema mediação de conflitos, no enfoque psicológico, também trabalhado na área do Direito, e administrativo, pois envolve as organizações.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016. Disponível em : <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados

qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, out. 2004 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>. Acesso em: dez. 2021.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Enfermagem**, v. 15, n. 4, dez. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>. Acesso em: dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Traduzida por Luiz Felipe Baeta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, Veiga; RIBAS, Dirceu. Controle e conflito organizacional: um estudo de caso na Secretaria de Saúde do Município de Joinville-SC. 1993. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio Econômico. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/75977/91889.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: mar. 2022.

MOREIRA, K. D.; RODRIGUES, L. M. A.; ET. AL. Mediação como ferramenta de gestão de conflitos interpessoais no contexto universitário. **Revista**

Científica Hermes, v. 26, pp. 121-136, 2020.

Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/4776/477662440008/html/>. Acesso em: mar. 2022.

MOZATO; Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denise. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-6552011000400010>. Acesso em: dez. 2021.

SAMPAIO; LYCARIÃO. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, v. 26, n. 66, abr.-jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-987318266602>. Acesso em: dez. 2021.

SEBAJE, Alexandre Zacaria; HAMMES, Lúcio Jorge; HAMMES, Itamar Luis. Educação para a Paz e a Mediação de Conflitos: um Direito e um Instrumento para a Promoção da Cultura de Paz. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1102/617>. Acesso em: mar. 2022.

URQUIZA, Marconi de Albuquerque; MARQUES, Denilson Bezerra. Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o

signo de uma abordagem teórica-empírica.

Entretextos, v. 16, n. 1, pp. 115-144, 2016.

Disponível em:

<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/20988/20014#>. Acesso em: mar. 2022.

SOBRE A AUTORA

Valmíria Antonia Balbinot é Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF), com especialização em Gestão de Pessoas pela Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH)/Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) e em Gestão Empresarial pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)/Universidade de Passo Fundo (UPF). Bacharela em Relações Públicas pela UFSM e em Direito pela Faculdade Meridional (IMED). Sócia proprietária da Via Imagem Assessoria Empresarial, Mediadora Judicial, Conselheira Federal do CONFERP e possui experiência como professora universitária.



CAPÍTULO VII

Explorando a Grounded Theory (GT): um instrumento para as investigações na Comunicação

Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos

Uma das demandas contemporâneas na prática da pesquisa em comunicação consiste na busca por perspectivas que possibilitem a capacidade exploratória de fenômenos sociais visibilizados no contexto das mídias digitais. Neste trabalho, fazemos o importante exercício de reflexividade sobre como os métodos e técnicas da *Grounded Theory* (GT) podem compor a investigação na comunicação com elementos interessantes para a pesquisa nas mídias digitais. O artigo propõe a observação dos caminhos e das estratégias, opções e passos a serem dados ao longo do fazer prático a partir dessa opção metodológica.

Reconhecido por suas contribuições para o avanço das discussões reflexivas da comunicação como campo, Braga (2015) observa que ciências estabelecidas oferecem teorias e métodos consolidados, diferentemente da comunicação. Portanto, o conhecimento comunicacional exige o

movimento em busca de contribuições que venham possibilitar métodos próprios aos fluxos do campo, marcados por características ligadas à sociedade contemporânea e às lógicas das plataformas. Nossas pesquisas requerem a maleabilidade dos métodos em vista do suporte necessário à revelação dos dados buscados. Apesar de não ser trabalhada com exclusividade pela comunicação, através da GT, podemos pensar procedimentos que enfatizem questões específicas à perspectiva aqui tratada.

Ao dar início a uma investigação, o pesquisador enfrenta dúvidas sobre qual seria o caminho mais adequado para seguir: partir para a empiria, indo a campo a fim de levantar questões a serem estudadas ou primeiro fixar-se no referencial teórico? O método de análise GT tem como propósito o desenvolvimento de pesquisas fundamentadas no objeto empírico e a elaboração de novas teorias a partir deste. Tal metodologia qualitativa tem como objetivo construir reflexivamente propriedades e conceitos.

Como ponto de partida, parto das investigações que empreendi e que possibilitaram maior reconhecimento das características da metodologia. A primeira vez que fiz uso da GT consistiu na elaboração do artigo *Beleza e lifestyle no Instagram: Performances da influenciadora digital*

Laura Brito¹⁴, submetido para o 15º Colóquio de Moda. A pesquisa versava em uma parte da dissertação “Oi meu bem, tudo bem?” Performances na Influência digital de beleza: Consumo e circulação na criação de conteúdo de Laura Brito¹⁵, defendida no primeiro semestre de 2021 no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos, com orientação da pesquisadora Dra. Adriana Amaral. Optei pela abordagem qualitativa, baseada no exercício descritivo e analítico das performances de criadoras de conteúdo da temática de beleza.

Recentemente, realizei a aplicação da GT na retomada sistemática acerca da circulação de postagens dos influenciadores digitais nas ações de marketing na campanha “Atendimento precoce” veiculada nas mídias sociais a partir da contratação pelo Governo Federal e Secretaria de Comunicação (Secom). Isso possibilitou a análise dos fluxos de informação e a emergência das problemáticas no desdobramento da pesquisa elaborada na disciplina de Tópicos Especiais III, do Doutorado em Comunicação da UFSM, no primeiro semestre de

¹⁴ Certificado com o prêmio Gilda de Mello e Souza como melhor apresentação no I Encontro de Moda e Estilos de Vida / Encontro dos GTs do Colóquio de Moda, em evento promovido pela Associação Brasileira dos Estudos e Pesquisas em Moda – Abepem.

¹⁵ Dissertação disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9715?show=full>

2021. Com base nessa investigação, trago os movimentos realizados em cada etapa da prática como forma de elucidar os passos descritos.

Com uma perspectiva diferenciada de outros métodos de pesquisa qualitativa, a GT busca na investigação a base para a teorização que emerge “a partir de observações e classificações sistemáticas dos dados” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.85). Nesse tipo de pesquisa, propõe-se um processo em que as observações e o campo empírico são fundamentais, pois fornecem as hipóteses e o problema construindo a base teórica. Portanto, observação empírica e teorização seguem o curso da pesquisa conjuntamente, processo em que prevalece a liberdade para a elaboração das ideias.

A abordagem estrutura-se na adoção de métodos mais indutivos, o que requer a atenção do pesquisador para não comprometer a qualidade do estudo. A proposta busca fugir de modelos pré-concebidos, que, por vezes, restringem a investigação ou se estruturam em discussões teóricas acompanhadas de observações frágeis e desconexas. A GT valoriza o pesquisador e o processo no campo empírico, portanto, não se estrutura na reflexão teórica e comprovação de hipóteses. Sem a tentativa de compelir uma teoria já estudada, o “foco está na valorização dos dados” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 87). Para

Glaser (1978), o intuito não é gerar uma descrição volumosa, mas trazer à tona uma teorização acerca de um padrão de comportamento expressivo. O pesquisador tem papel fundamental no processo de interpretação e emersão da teoria. Nesse viés, destaco que a chegada do autor no campo não é ingênua, nem mesmo totalmente desconectada das teorizações com as quais já teve contato durante sua jornada. A ideia é gerar uma nova perspectiva sobre o fenômeno para além das percepções veiculadas em estudos anteriores. A partir do conhecimento já em construção sobre os valores acionados pelos influenciadores digitais na sociedade, minha investigação contribuiu para entendimento da substancialidade de estudar o fenômeno da influência digital e seu potencial na disseminação de informações em meio ao cenário de pandemia, pois mais do que entretenimento, esses sujeitos possuem um grande capital social e simbólico que lhes confere um papel fundamental em determinadas comunidades.

Definições e etapas de análise

Conhecida no Brasil por meio da tradução Teoria Fundamentada, a metodologia possui variações: Teoria Fundamentada em Dados, ou ainda, de Teoria Fundada, embora, optamos, neste

trabalho, por sua expressão de origem *Grounded Theory* (GT), em inglês. A proposta inicialmente visava desbancar a cisão entre dados e teoria podendo ser aplicada para diferentes áreas. “O ímpeto por trás do movimento era suplantar a diferença entre pesquisa empírica teórica ‘desinformada’ e teoria empiricamente ‘desinformada’, através da fundamentação da teoria nos dados” (GOULDING, 1999, p. 6, tradução nossa)¹⁶.

A proposta dos sociólogos norte-americanos Barney Glaser e Anselm Strauss, na obra clássica *The Discovery of Grounded Theory*, em 1967¹⁷, “tem como subtítulo *Strategies for Qualitative Research*, é comumente reconhecida como a primeira contribuição articulada de metodologia qualitativa” (TAROZZI, 2011, p. 41). O método geral foi originado com a intenção de gerar procedimentos capazes de “combater a forte linha positivista predominante nas pesquisas científicas nos idos de 1960” (LEITE, 2015, p. 77), devido ao declínio das

¹⁶ “The main impetus behind the movement was to bridge the gap between theoretically ‘uninformed’ empirical research and empirically ‘uninformed’ theory, by grounding theory in data”.

¹⁷ Anteriormente a essa publicação, os autores já tinham esboçado algumas diretrizes metodológicas no artigo conjunto “Discovery of Substantive Theory: A Basic Strategy for Qualitative Analysis” (1965) e, especificamente Glaser, no artigo “The Constant Comparative Method of Qualitative Analysis” (1965).

pesquisas qualitativas com a ascensão de aprimorados métodos quantitativos. Porém, Glaser apoiava o uso combinado dos métodos que levassem ao entendimento acerca dos objetos de investigação.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) explicam que não existe somente uma vertente para a metodologia. Com o tempo, os caminhos traçados pelos dois teóricos Glaser e Strauss passam a dar destaque a elementos diferentes, discordando entre si, o que Goulding (1999, p. 7) resume:

Glaser enfatiza a natureza interpretativa, contextual e emergente do desenvolvimento da teoria, enquanto, do outro, o trabalho posterior de Strauss parece ter tornado-se dogmático a respeito das altamente complexas e sistemáticas técnicas de codificação¹⁸.

A aplicação da GT como metodologia de pesquisa propõe que a problemática venha emergir do empírico, sendo assim, reafirma a descoberta indutiva de teorias em um processo iterativo. A internet possibilita o acesso a um complexo mundo de interações com uma profusão de objetos possíveis

¹⁸ "On the one hand, Glaser stresses the interpretive, contextual and emergent nature of theory development, while on the other, the late Strauss appeared to have become somewhat dogmatic regarding highly complex and systematic coding techniques."

e diversidade de métodos. O que impõe mudanças desafiadoras à perspectiva empírica, mas também viabiliza o levantamento de novas questões de pesquisa pertinentemente em um primeiro movimento exploratório, deixando **os dados trazerem à tona questões a serem aprofundadas**, eliminando possíveis obstáculos construídos por problemas pré-concebidos.

Ainda que a metodologia não requeira a pré-definição do quadro referencial, Haig (1995) destaca a necessidade de familiarização com o fenômeno pesquisado, para uma perspectiva de base, que não seja confundida com desconhecimento. “É impossível que um pesquisador que não seja iniciante consiga entrar em campo sem pré-noções. Se, ao contrário, reconhecer essa carga de percepções pode influenciar de forma positiva” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 90).

A coleta de dados pode ser realizada através de múltiplos métodos: entrevistas, investigação a campo, fontes documentais, etnografia, sendo as observações todas registradas através da transcrição. Além disso, a comparação constante é um método imprescindível na emergência da teorização. Em minha experiência, a análise comparativa na investigação no meio digital orientou a observação de episódios no desdobramento das ações de marketing na campanha “Atendimento

precoce”. Partindo da seleção de casos de três influenciadoras com desdobramentos semelhantes, foram coletados os dados das postagens realizadas como ações da campanha e a seleção das notícias que apresentaram elementos a serem agregados ao conjunto de informações acerca da temática de pesquisa.

Métodos tradicionais de pesquisa habitualmente realizam o tensionamento da problemática com a teorização. Na perspectiva inversa de Glaser e Strauss (1967), a proposta metodológica GT visa suplantar a lacuna entre o teórico e o empírico. Portanto, propõe a flexibilidade na coleta de dados, “[...] a chance de experimentar o campo empírico, observando os novos elementos e construindo suas percepções através da análise e reflexão sistemáticas dos dados encontrados em campo”. (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 87). A adoção de uma retomada sistemática acerca do desdobramento do fenômeno no decorrer da investigação se mostra fundamental.

Pode-se afirmar que uma GT não se limita a recolher dados e analisá-los para verificar ou falsificar teorias preexistentes, pensadas em outras sedes e por outras pessoas, mas constrói criativamente – e rigorosamente – uma teoria a partir dos

dados, capaz de explicar os fenômenos pesquisados (TAROZZI, 2011, p. 29).

Com o recorte de análise e o corpo de dados, o **processo de codificação** ocorre baseado na continuidade e na transformação do discurso e emergência de conceitos. “O objetivo da teoria fundamentada é gerar uma teoria conceitual que reporte um padrão de comportamento que seja relevante e problemático para aqueles envolvidos” (GLASER, 1978, p.93). A comparação constante, identificação e separação dos códigos em categorias, na codificação aberta ou inicial, é o momento em que se define o que está acontecendo com os dados e explora-se o que isso significa, estabelecendo conexão com a teoria emergente. O pesquisador foca na qualidade e nas propriedades dos dados. Surgem as primeiras categorias de forma mais genérica. Charmaz (2009) salienta a importância de estar aberto ao campo, ou seja, atento para que não haja a influência da categorização de outros pesquisadores.

No processo de transcrição dos dados em códigos, é possível, ainda, fazer o uso de softwares¹⁹ para monitoramento, organização, formatação e

¹⁹ Strauss e Corbin (2008) indicam na literatura para pesquisas em *Grounded Theory*, a saber: Atlas.ti. Tarozzi (2011) indica o Nvivo, indicado por ser um *software* mais avançado para dar suporte às pesquisas na atualidade.

tabulação de questionários, armazenamento, bem como construção de mapas visuais.

Após a criação dessas divisões, na **codificação focalizada** ou axial, passa-se a relacioná-las, comparando os dados e observando as macrocategorias para reuni-las por semelhanças e disparidades, confrontando e interligando as categorias em relação ao contexto e suas motivações. Glaser (1978) identifica, de forma resumida, aspectos que servem como bússola para a integração das categorias: causa, contextos, contingência, consequências, covariáveis e condições. Cabe destacar que, nessa etapa do relato prático proposto acerca das ações de marketing, foi possível identificar um padrão no posicionamento dos influenciadores durante a análise. O desdobramento das performances das influenciadoras envolvidas na ação foi categorizada em episódios, os quais foram nomeados conforme a sequencialidade de acontecimentos e suas repercussões. Para tanto, a classificação de quatro categorias explicita os circuitos na disseminação das informações acerca da Campanha "Atendimento Precoce": campanha; exposição; retratação; decisão judicial e CPI da Covid-19.

Durante a **codificação teórica** ou seletiva da GT, se identifica a categoria principal integrando a teoria, com o objetivo de encontrar a *core category*.

De acordo com Tarozzi (2011, p. 154) “a teorização procede para a identificação das categorias centrais, os conceitos-chave em torno dos quais se organizará a teoria”. De acordo com as categorias encontradas na investigação que relato, a categoria nomeada como decisão judicial considera o espalhamento de conteúdo da campanha como em desacordo com as normas de saúde emitidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o que classificamos como desinformação, sendo esta a principal disposição para o desdobramento do trabalho.

Leite (2015) destaca o movimento de retorno à literatura na redação final, que auxilia na orientação das conexões e ações interpretativas no desenvolvimento conceitual sobre a visão elaborada pela *Grounded Theory*. O processo busca uma operação mais analítica com a abstração. A técnica de Strauss e Corbin (1990) é a organização seriada em forma de uma história, *storyline*. Nesse momento da pesquisa, alguns conceitos são descartados e outros se mostram conectados com as observações. Logo, a partir do conjunto de performances coletadas, percebeu-se a circulação de informações acerca da postura adotada por tais influenciadores digitais, contribuindo para apregoar a crise de saúde pública. Portanto, os achados reiteraram a discussão teórica acerca da desinformação.

Durante o manejo dos dados, é fundamental que sejam elaborados os **memorandos** contendo informações que irão apoiar a integração de esquemas à teorização originada no processo. Com a documentação das percepções nos diferentes tipos de coletas realizadas, os memorandos servem como mecanismo de reflexão, pois direcionam “e guiam a emergência da teoria em todas as suas fases, da coleta de dados até a codificação teórica” (TAROZZI, 2011, p. 155). Ou seja, orientam como a teoria vai se mostrando ao registrar as escolhas metodológicas durante todo o processo. Como o arquivo não é publicado, podem ser elaboradas de forma livre sem uma estrutura rígida, “anotações teóricas, que estão refletidas na discussão de como os códigos, conceitos e categorias relacionam-se com a literatura” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 94).

O fechamento da coleta de dados evoca a sensibilidade do autor que precisa observar de forma mais aprofundada e perceber os dados mais importantes dentre os encontrados. A **saturação teórica** ocorre quando o pesquisador obtém dados semelhantes ao retornar ao campo. Nesse viés, de acordo com Tarozzi (2011), diferentes direções de coleta fazem com que as categorias já encontradas sejam reafirmadas, sendo a saturação, um caminho necessário para comprovar que as mesmas não são

esporádicas. Segundo Glaser e Strauss (1965), tal achado confere confiança ao pesquisador.

Apesar da descrição de procedimentos sistemáticos e análises comparativas inseridas no desenvolvimento da GT, o processo é circular, pois os achados podem direcionar novamente à codificação ou ao retorno ao campo. Elas determinam a “proposta de gerar teorias substantivas de processos psicossociais e sociais” (LEITE, 2015, p.84) da GT e elucidam a maneira como ocorre o processo metodológico. Vale salientar que essa condução atenta aos dados oportuniza a saturação com a reafirmação dos resultados e a solidez da investigação.

Glaser (2004) explica que apesar da orientação de distanciamento das abordagens teóricas ao dar início à investigação a campo, durante o processo de observação, o pesquisador pode recorrer a conceitos que lhe permitam compreender o significado e reconhecer padrões de forma integrada à análise comparativa, uma vez que a conceituação já esteja em andamento.

Trata-se de uma abordagem flexível, sem um método propriamente sequencial, a coleta de dados ocorre junto à análise e, muitas vezes, tem suas fases se sobrepondo. A metodologia busca o equilíbrio entre a teoria e as descobertas do campo. A atenção aos dados proposta pela GT propicia o

refinamento das questões e hipóteses que norteiam a pesquisa.

Na construção desse material, buscamos evidenciar o caminho investigativo da *Grounded Theory*, que mostra suas potencialidades para estudos dos fenômenos na internet, explorando a comunicação e sociabilidades que permeiam as mídias digitais.

Referências

BRAGA, J. L. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In LOPES, M. I. (orga.) **Epistemologia da comunicação no Brasil**. São Paulo: ECA, 2015. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Pdf/978-85-397-0803-1.pdf>. Acesso em: 10 junho. 2021.

CHARMAZ, K. 2009a. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Trad. de Joice Elias Costa. Porto Alegre, Artmed.

CHARMAZ, K. 2009b. Shifting the grounds: Constructivist Grounded Theory method. In: J.M. MORSE (Org.). **Developing of the Grounded Theory: the second generation**. New York, Left Coast Press, p. 127-193.

CORBIN, J.; STRAUSS, A. Grounded Theory research: Procedures, canons, and evaluative criteria. **Qualitative Sociology**, n. 13, p. 3-21, 1990.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n54.16759>. Acesso em: 3 julho. 2021.

GLASER, B.; STRAUSS, A. A. **The discovery of Grounded Theory**: Strategies for qualitative research. Chicago/Nova York: Aldine de Gruyter, 1967.

GLASER, B. (1978) **Theoretical Sensitivity**. Advances in the methodology of Grounded Theory. Sociology Press, Mill Valley, CA.

GLASER, B. (2004) **Remodeling Grounded Theory. Forum: Qualitative Social Research**. Volume 5, No. 2, Art. 4 – May 2004. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/308097098_Remodeling_Grounded_Theory. Acesso em: 6 julho. 2021.

GOULDING, Christina. (1999) **Grounded Theory**: some reflections on paradigm, procedures and misconceptions. Working Paper Series June 1999 Number WP006/99. Disponível em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=1>

0.1.1.116.3233&rep=rep1&type=pdf. Acesso em: 6 julho. 2021.

HAIG, B. **Grounded Theory as Scientific Method**. In: PHILOSOPHY OF EDUCATION, 1995.

LEITE, F. Raciocínio e procedimentos da Grounded Theory Construtivista. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 3, n. 6, 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/articloe/view/11310>

Acesso em: 12 dezembro. 2021.

STRAUSS, A. e CORBIN, J. (1990). **Basics of Grounded Theory Methods**. Beverly Hills, CA.: Sage.

TAROZZI, M. **O que é a Grounded Theory?** Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Tradução de Carmem Lussi. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOBRE A AUTORA

Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos é Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com bolsa Capes, mestra em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Possui especialização em Jornalismo Esportivo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Participante do Grupo de pesquisa Circulação midiática e estratégias comunicacionais (UFSM|CNPq) e do laboratório de pesquisa CULTPOP – Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (Unisinos|CNPq).



CAPÍTULO VIII

Estudo de Caso Qualitativo e sua aplicação para os Estudos em Comunicação

Gibsy Lisiê Soares Caporal

Ao analisar os caminhos possíveis para realização de uma pesquisa, percebe-se muita insegurança de estudantes e orientadores quando se trata da pesquisa proposta através de um Estudo de Caso Qualitativo. As linhas de investigação, ao longo do tempo, determinaram o Estudo de Caso para abordagens quantitativas em situação problema no qual a medida quantitativa se aplicava com bastante propriedade, tal como foi amplamente popularizado nas análises de causa e efeito para as áreas da saúde, ou casos farmacológicos e biológicos. Contudo, o Estudo de Caso tem sido muito utilizado, com o rigor científico necessário, também nos estudos qualitativos.

Verificando os princípios da metodologia como “Método e Técnica de Pesquisa”, propostos por Demo (1985, p. 58), parte-se de que a construção da realidade não tem uma “abordagem pura” e que um olhar mais clássico da Metodologia faz com que se

tente construir objetos que possam generalizar conclusões. Mas é na construção da realidade social, “sempre mais rica que sua construção científica” (DEMO, 1985, p. 58), que muitos estudos exploratórios e qualitativos são utilizados e nem sempre objetivando uma generalização, mas sim uma aproximação e explicação de uma realidade particular.

A própria pretensão explicativa de algo singular, a partir de *insights* do pesquisador, apoiado na teoria base, e com uma descrição da realidade particular, pode compor novos quadros para os fenômenos sociais estudados e também para a apresentação de novas teorias e formas de ação social, que é um “trabalho metuculoso, dificultoso e demorado” (SILVEIRA e BARICHELLO, 2014, p. 225).

A aplicabilidade do Estudo de Caso do tipo qualitativo como Método de Pesquisa para as Ciências Sociais Aplicadas e, portanto, para a Comunicação, decorre da finalidade da investigação. Se a investigação tiver como finalidade explicar ou descrever um evento ou uma situação, a abordagem qualitativa pode servir para encontrar, dentro de um contexto, aspectos específicos de casos singulares. Não obstante, nada impede que o pesquisador, em um Estudo de Caso, inicie uma investigação com uma pesquisa qualitativa e finalize a investigação validando as evidências obtidas por meio de uma

pesquisa quantitativa. Este tipo de pesquisa em que se mesclam métodos de pesquisa é chamada triangulação metodológica ou mix de métodos.

Estudo conduzido pela professora Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá e seu grupo de pesquisa, publicado em 2020, como o objetivo de traçar o Retrato de uma Década de Pesquisa do POSCOM/UFSM, destacou que, entre as 76 dissertações e teses, da área de Mídias e Estratégias Comunicacionais, 19,7% se denominaram como Estudo de Caso (FOSSÁ et. al., 2020)

E, ainda, 16,4% das dissertações e teses definiram a sua metodologia como “Mix de Métodos” (nomenclatura sugerida pelo artigo para os estudos que citaram dois enquadramentos metodológicos). Quatro dos dez métodos citados como “Mix de Métodos” aglutinaram o Estudo de Caso com um segundo método de apoio e, sendo assim, destacaram-se como “Estudo de Caso e Análise de Conteúdo”; “Estudo de Caso e Análise Semiótica”; “Estudo de Casos Múltiplos, Análise de Discurso e Análise Semiótica” e “Estudo de Caso e Análise do Contrato de Comunicação” (FOSSÁ et. al., 2020, pg. 308).

Na mesma proposta, o grupo da Linha de Mídias e Identidades Contemporâneas, destacou que “a pesquisa em comunicação se caracteriza pela diversidade de abordagens, teorias, procedimentos e

recortes” (KEGLER et al., 2020, p. 330), mas não encontrou o Estudo de Caso como procedimento metodológico que tenha sido percorrido nas dissertações e teses desta linha de pesquisa. A preferência foi pelo uso da Etnografia.

Sabendo-se que a formação em pesquisa “depende de uma sequência de esforços continuados que favoreçam o despertar para a atitude da dúvida” (SILVEIRA e BARICHELLO, 2014, p. 208), o olhar para a pesquisa foi o que motivou a transformar um trabalho de aula neste capítulo, tendo como objetivo sistematizar e apresentar didaticamente o Estudo de Caso, seu conceito e sua operacionalização como procedimento metodológico, especialmente na abordagem qualitativa.

Aportando a análise teórica de Yin (2001), ou seja, a norma para o uso do Estudo de Caso, e Godoi et. al. (2020), que analisa o Estudo de Caso para um estudo qualitativo e organizacional, foram construídas as bases que são apontadas neste texto. Além disso, são destacadas algumas situações de pesquisas já publicadas pelo POSCOM, aproximando os leitores das propostas de aplicação deste procedimento metodológico.

Desta forma, ao planejar o estudo, os pesquisadores determinam a forma como podem alcançar informações que respondam ao problema de pesquisa proposto, pois é no problema de pesquisa

que se instalam os indícios de sua própria resolução. Assim, a metodologia e o procedimento metodológico consistem na elaboração de um planejamento de como o estudo vai se organizar de forma a incorporar um plano de ação que possa trazer respostas à pesquisa.

Problema de pesquisa determina procedimentos de coleta de dados e levantamento de evidências, e a medida em que os dados empíricos e o levantamento de informações são obtidos por meio das diversas técnicas como entrevistas, observação, conversas informais, artefatos físicos, consulta a arquivos e análise de documentos e outras técnicas que precisam ser previstas no desenho de pesquisa para o atingimento dos objetivos, as soluções para o problema proposto começam a tomar forma.

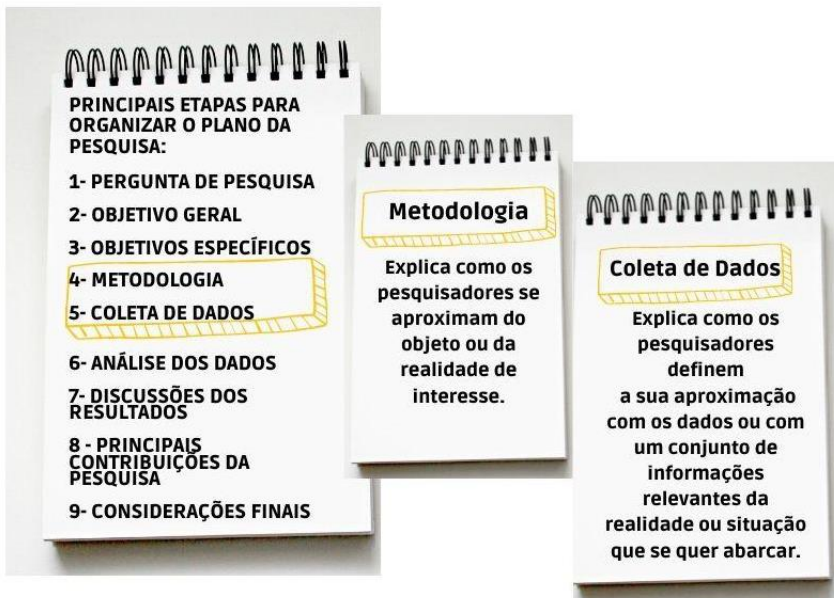
Neste sentido, Demo (1986, p. 46) explica que o desenvolvimento científico acontece por quatro elementos que são: a evidência, a análise, a síntese e a enumeração, o que mostra que o "método científico é a teoria da investigação", e os passos a seguir, neste processo de investigação, precisam ser conhecidos e anunciados pelos pesquisadores.

Com a escolha do objeto a ser estudado, do problema de pesquisa e seus objetivos, a pesquisa é delineada de forma racional e sistemática para apurar e apoiar com possíveis linhas de respostas o problema que foi previamente estabelecido

(hipóteses) e, portanto, toda a pesquisa resultará em um conjunto de informações onde “há sempre múltiplos caminhos e olhares possíveis de acordo com a formação teórica e epistemológica dos autores” (BARICHELLO, 2014, p. 7).

A escolha dos caminhos da pesquisa está no delineamento do plano de pesquisa. Na Figura 1, foram apontados alguns itens para, de forma simplificada e seguindo a experiência em pesquisa que se tem até aqui, poder contribuir para a organização do plano de pesquisa dos pesquisadores que se interessam pelo Estudo de Caso.

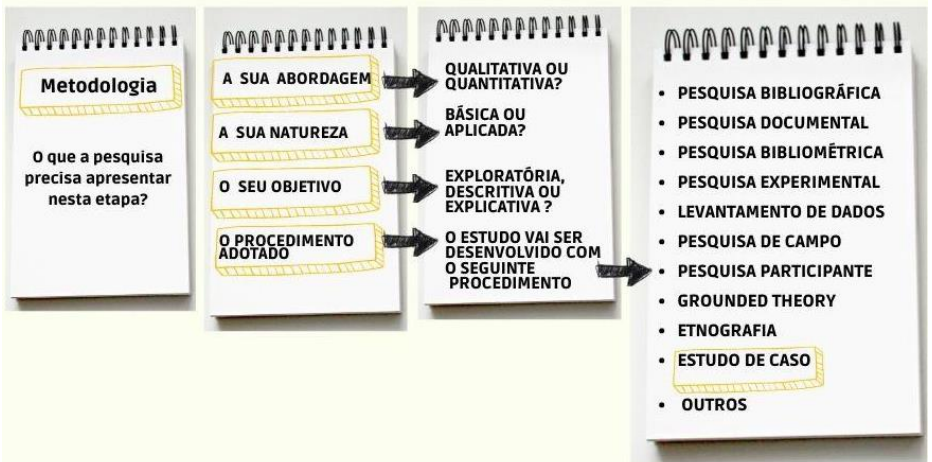
Figura 1- Elaborando o Plano de Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora

Logo, na Figura 2, sugere-se a definição dos procedimentos metodológicos, onde a pesquisa consegue mostrar como ela se envolve com a realidade para, apenas posteriormente, apontar a forma de coleta de dados. Com a Figura 2, é possível identificar o Estudo de Caso dentro do contexto metodológico.

Figura 2- O Estudo de Caso na Metodologia da Pesquisa



Fonte: proposta da autora

Neste plano de possibilidades, quanto à abordagem, natureza, objetivos e procedimentos, que podem ser consultados em diversos autores de metodologia (DEMO, 1986; GIL 1997, 2008; LAKATOS e MARCONI, 2003), ao definir o Estudo de Caso como procedimento metodológico também cabe uma decisão quanto à forma como os dados podem ser coletados e isso corresponde à característica de cada “caso” ou particularidade do estudo.

Yin (2001, p. 19) aponta que é preciso atender aos seguintes requisitos quando a pesquisa adota metodologicamente o Estudo de Caso, são eles “a) o tipo de questão da pesquisa; b) o controle que o pesquisador possui sobre os eventos

comportamentais efetivos; c) o foco em fenômenos históricos, em oposição a fenômenos contemporâneos”.

O tipo de questão da pesquisa aponta para a escrita da pergunta de pesquisa, pois, neste sentido, é bastante comum questões que abram em “Como”, “De que modo”, “Quais elementos”, “De que maneira”, “Quais fatores”, “Por que”, e assim questionam sobre uma situação particular que se quer explorar. Aponto alguns exemplos de problemas de Estudos de Caso de estudos que foram publicados na Revista *Animus* (Revista Interamericana de Comunicação Midiática).

(...) analisar a cobertura noticiosa do jornal paranaense *Gazeta do Povo* acerca dos três episódios citados (ANTONELLI e RIZZOTO, 2019, p. 186).

(...) “caracterizar o boca a boca on-line por meio de uma análise de conteúdo do caso da marca *Abercrombie*” (SILVIA e OLIVEIRA, 2019, p. 74).

(...) “como são organizadas e colocadas em prática as técnicas educacionais utilizadas pelos professores para o processo de formação dos alunos?” (GHISLENE e DIAS, 2021, p. 150).

(...) “analisar e interpretar as ações afirmativas aplicadas pelo Esporte Clube Bahia em sua principal rede social, o Twitter (...)” (MARBACK, MAIA e LADEIRA, 2021, p. 101).

O Estudo de Caso se apresenta por ser “um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos” (GIL, 2008, p. 57). Nos casos que cito da Revista Animus, os objetos foco ou “caso de estudo” eram a Gazeta do Povo, a marca Abercrombie, as práticas educacionais (na Prefeitura de Santa Maria) e o Esporte Clube Bahia. Foram eles que geraram interesse particular para que houvesse um esforço dos pesquisadores em sua análise.

Além disso, ambas situações podem ser tratadas como colocou Yin (2001, p.19) no item (c) anteriormente citado, quanto ao histórico da situação, pois em se tratando de estudos organizacionais pode haver substanciais pesquisas anteriores que ofereçam suporte para um contraste histórico.

Como é o caso da publicação Revista Crás! Quadrinhos brasileiros e a Indústria Editorial (VERGUEIRO e SANTOS, 2010, p. 3), onde os autores trazem o Estudo de Caso da Revista Crás!:

um histórico dos acontecimentos das revistas em quadrinhos nacional, fazendo um levantamento de histórias, autores, personagens e gêneros narrativos característicos e sua contextualização no processo do estabelecimento da indústria nacional.

Quanto à aplicação do Estudo de Caso, Yin (2001) e Gil (2008) propõem que deve haver um fenômeno empírico para a investigação, um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Muitos estudos organizacionais que acontecem em pequenos negócios não são estudos que compensem exaustivos levantamentos de dados, pois é muito comum não terem dados já coletados ou banco de dados. Contudo, seu fenômeno e contexto são ricos para explicar porque tais negócios conseguem sobreviver em ambientes tão desconexos da situação teórica prevista e, portanto, a situação gera um caso de interesse. Já pude orientar muitos Trabalhos de Conclusão de Curso nesse sentido e onde, no final, os resultados apontaram muitas informações relevantes para os pequenos negócios.

No mesmo sentido e trazendo um estudo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM/UFSM), a dissertação de Kalliandra Conrad (2013), desenvolvida com a orientação da Profa. Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá, fez uso do Estudo de Caso para analisar as Estratégias Comunicacionais utilizadas pela RadioCom FM de Pelotas, RS. O estudo triangulou os aspectos dessa rádio comunitária com as relações de mídia, estratégias de

mobilização social e democratização da comunicação evidenciando e comprovando características únicas da rádio comunitária local.

O Estudo de Caso pode ser utilizado quando se pretende enfrentar uma situação tecnicamente única com a presença de muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Assim, o resultado do estudo surge de várias fontes de evidências e os dados precisando convergir, tal como observado em muitos estudos do “caso da Boate Kiss”, como foi a elaboração desta dissertação da PUC/RS, denominada *Desastres e a política de saúde: responsabilidades e possibilidades de intervenção* (MARQUES, 2018), que utilizou o fenômeno como Caso da Boate Kiss e triangulou Políticas Públicas, Saúde Pública e Desastres para apresentar o caso aos estudos nas Ciências Sociais.

Os estudos de “multicasos” são uma ampliação do caso para o estudo de casos paralelos, isso acontece quando dois casos muito próximos são interessantes como objeto de investigação, o que faz com que a pergunta de pesquisa proposta englobe ambos no tratamento do objeto.

Por exemplo, a análise da Cultura Organizacional da Assembleia Legislativa de dois Estados, RS e SP, pode configurar um estudo de “multicaso”. Também o estudo das relações de trabalho de jornalistas em dois veículos de

comunicação, na mesma cidade, poderia considerar um “multicaso”, caso 1 – veículo 1, e caso 2 - veículo 2. O que oportuniza, além do aprofundamento no objeto proposto, uma abrangência de perspectiva comparativa quando da análise dos dados finais da pesquisa, enriquecendo os resultados.

Uma outra característica do Estudo de Caso é apresentar resultados causais possíveis apenas naquela situação em que pode ser interessante para futuros estudos em situações complexas. No estudo sobre a comunicação pública apresentado por Kegler, Luz e Pozobon (2020), o caso tratado foi o OBCOMP, Observatório de Comunicação Pública. Neste estudo, foi analisando como o OBCOMP se relaciona com as práticas de comunicação via Facebook, mostrando a trama entre a influência comercial e as práticas de comunicação plataformizadas, quando se trata de um caso sobre a lógica da comunicação pública.

Muller (2006) não denominou a metodologia de sua tese como um Estudo de Caso, pois a doutora possuía objetivos que a levaram a outros procedimentos metodológicos. Contudo, utilizou-se desse método porque ele demonstra como escolher o objeto, no caso a Folha de São Paulo. Ao tratar profundamente sobre o “caso de estudo”, foi observado o pressuposto de que o jornal é uma organização que atua dentro de uma lógica dupla: de um lado, tem-se uma lógica econômica, que faz com

que todos dentro da empresa trabalhem para fabricar um produto mercadológico, e, de outro, a lógica simbólica, que faz com que esse produto de informação tenha a vocação de participar da construção da opinião pública. A doutora teve como base a pergunta de pesquisa: "quais estratégias discursivas e mercadológicas a Folha de S. Paulo utiliza para captar o seu público leitor?".

Os resultados apurados nesta tese não podem ser replicados de forma semelhante como teoria para nenhum outro veículo de imprensa, tal sua singularidade. No entanto, podem criar e oportunizar múltiplos *insights* importantes para serem pensados como modelo para outras situações de mídia. Nesse sentido, é que utilizo desta tese para demonstrar a singularidade com que tomam as situações e "casos" escolhidos pelos pesquisadores em comunicação.

No mesmo sentido, Yin (2001) e Gil (1997, 2008) salientam que o Estudo de Caso parte do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. Este fenômeno nada mais é que um Caso (situação, objeto, evento) se fazer interessante o suficiente para despertar a análise científica dos pesquisadores de forma a trazerem o Caso para o ambiente científico. Assim, se descreve o Caso pela apresentação do ambiente, da cronologia, das pessoas, dos vínculos de influência, das relações de

poder, da situação organizacional ou até sobre uma situação cultural nova, pouco explicada ou em eminência de ser debatida com mais exaustão.

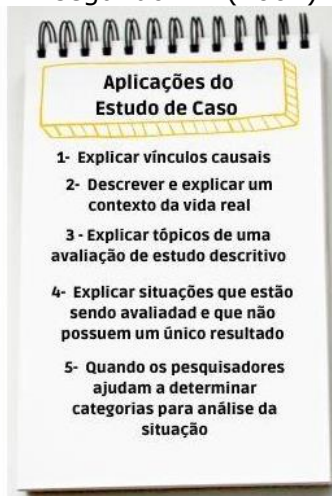
Como mostra Fossá (2003) ao criar um novo construto teórico chamado de Cultura da Devoção, a partir da análise profunda da cultura empresarial no Caso do Grupo Randon, uma organização empresarial familiar do Rio Grande do Sul. A professora fez uso de um protocolo de estudos de caso que serviram para que se apontasse para as questões significativas do estudo investigativo, lembretes para relacionar as informações que precisavam ser coletadas e o motivo para coletá-las. Também ao definir as questões, estas foram acompanhadas de uma lista de prováveis evidências. Sete fontes distintas de evidências foram determinadas para coleta de dados, sendo documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante, artefatos físicos e histórias de vida. As várias fontes de evidência passaram por uma triangulação dos dados, triangulação de teorias e uma triangulação metodológica.

Assim, como vimos no exemplo do Estudo de Caso desenvolvido por Fossá (2013), é importante delimitar o Caso, assim como destaca Gil (1987, p. 121):

o primeiro procedimento consiste em delimitar a unidade que constitui o caso em estudo". E este caso a ser estudado pode ser uma pessoa, uma família, uma comunidade, um conjunto de relações ou processos (como conflitos de trabalho, segregação racial numa comunidade etc.) ou mesmo uma cultura.

Tendo sido delimitado o Caso, Yin (2001, p. 34) sugere cinco as principais aplicações deste procedimento metodológico, como explica a Figura 3.

Figura 3 - Cinco diferentes aplicações do Estudo de Caso segundo Yin (2001)



Fonte: Adaptado pela autora de Yin (2001, p. 34)

Uma importante relação de complexidade e de inserção na realidade que Yin (2001) relata sobre o Estudo de Caso é descrita com um exemplo clássico da Comunicação, no Caso *Watergate*. A publicação do *Washington Post* mostrou um caso de corrupção no governo do presidente americano. O caso foi elaborado e pesquisado de tal forma que, ao descrever e trazer o caso para o conhecimento da comunidade, o então presidente americano, o Republicano Richard Nixon, renunciou ao cargo. Caso político, destacado e enunciado pelos jornalistas da época e usado por Yin (2001) como modelo de Estudo de Caso.

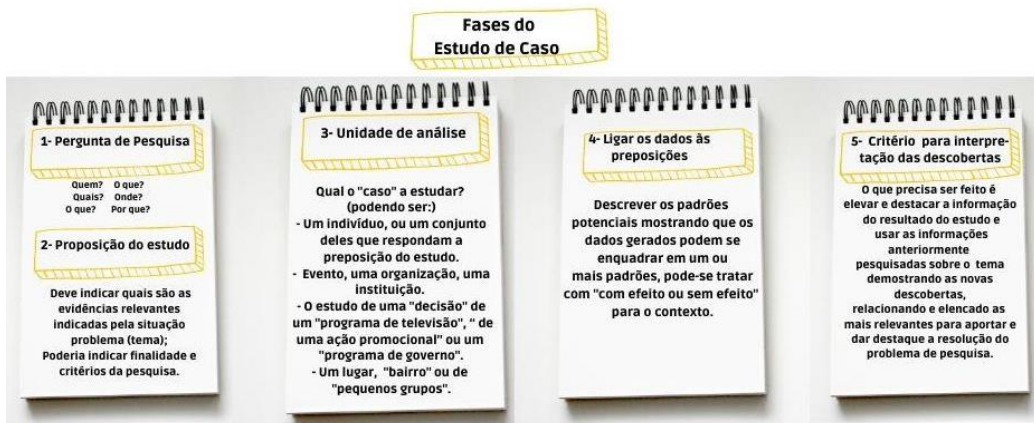
Os Estudos de Caso na pesquisa de Abordagem Qualitativa são importantes instrumentos da pesquisa, pois o uso do Estudo de Caso demonstra que o interesse do pesquisador, seguindo Godoi (2020, p. 119) está muito mais “voltado à compreensão dos processos sociais que ocorrem num determinado contexto do que as relações estabelecidas entre variáveis” e, portanto, o interesse nesta pesquisa é conseguir que o pesquisador esteja interessado “no *insight*, na descoberta, na interpretação mais do que na verificação de hipóteses”.

Além disso, é na inserção com a realidade particular que as variáveis surgem e precisam ser

elencadas pela pesquisa, como uma sequência lógica de dados e interpretações.

Para desenvolver um Estudo de Caso, deve-se seguir a organização proposta por Yin (2010), de acordo com o resumo que está apresentado na Figura 4.

Figura 4 – Resumo das Fases do Estudo de Caso



Fonte: adaptado pela autora de YIN (2010)

Para isso, também, é necessário descrever qual teoria orientou o tratamento dos dados. Ou seja, na fase 4, foram utilizadas entrevistas, por exemplo, qual a "versão de mundo", como coloca Flick (2004), que a pesquisa se apoia ou qual o tipo de análise dos dados foi estabelecida pelas categorias do Discurso de Maingueneau (2015),

poderíamos adotar desta forma para explicar os efeitos da análise dos dados. Portanto, a teoria escolhida foi se entrelaçando ao longo do texto com as técnicas escolhidas para a análise e resultaram no estudo aprofundado do “caso”, que, na fase 5, precisam ser demonstradas.

Chegar a estes novos *insights* pela análise do “caso” contribui para a evolução do tema geral proposto pelo objeto, demonstra que o “caso” tem particularidades únicas e que, ao mesmo tempo, os resultados são enumerados e discutidos à razão da realidade na qual se insere. Esta prática cotidiana dos objetos tratados como “casos” qualitativos é relevante para o aprimoramento da pesquisa e para a avaliação dos comportamentos dos Casos relativos às teorias alinhadas.

Essa é uma dificuldade, por vezes dos estudos qualitativos, pois a discussão e análise dos dados se misturam e vão sendo desenhados a ponto de, ao chegar na fase 5, o pesquisador não parecer possuir resultados. A importância desta etapa, contudo, reside em resgatar da discussão e apontar os principais resultados qualificando ainda mais o material que se está produzindo.

Sobre o relatório final de um Estudo de Caso, Gil (2002) afirma que, embora não se possa determinar regras de redação para o relatório final, recomenda-se que seja estabelecido pelo

pesquisador uma ordem geral do estudo, que seja clara, que indique como foram coletados os dados e quais critérios ou categorias de análise de dados foram adotadas e, ainda, cabe destacar o autor ou os autores que embasaram a análise dos dados qualitativos.

Conforme o objetivo proposto para este texto, foi revisada a teoria sobre o Estudo de Caso e se propôs uma ilustração didática da sua aplicação em estudos na Comunicação. Estudos de discentes e docentes do POSCOM e de publicações na área foram apresentados de forma a sistematizar o tema para pesquisadores e pesquisadoras que têm interesse em conhecer mais sobre esse Procedimento Metodológico.

Por fim, mesmo que de forma simplificada, conseguimos abordar o tema proposto (e sempre necessário) que é, em última análise, o conhecimento científico, pois seguindo os princípios e as características definidas neste desafio metodológico, é possível fazer uma ciência alinhada aos problemas reais e complexos da sociedade e da comunicação com a utilização desta metodologia.

Referências

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha;
RUBLECKI, Anelise (Orgs). **Pesquisa em**

comunicação: olhares e abordagens. Santa Maria: FACOS- UFSM, 2014.

CONRAD, Kalliandra Quevedo. **Rádios comunitárias e mobilização social: um estudo sobre as estratégias comunicacionais da RádioCom FM, de Pelotas, RS.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFSM, 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica nas ciências sociais.** São Paulo, Atlas, 1985.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Fenise Tolfo (Orgs.) **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GHISLENI, T. S.; DIAS, M. P. ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS DE PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS EM ESCOLAS DE SANTA MARIA-RS. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 20, n. 43, 2021. DOI: 10.5902/2175497735024. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/35024>. Acesso em: 21 mar. 2022.

GODOI, Arnaldo Schmidt. Estudo de caso qualitativo. IGODOI, Christiane Klein; MELLO, Rodrigo Bandeira-de-; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2ª ed. São Paulo. Saraiva, 2010.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan; SANTOS, Mateus da Cunha; FREIRE, Gustavo de David Araújo; MULLER, Kauane Andressa; MARTINS, Amanda Frick; PEDIGER, Solange; CAPORAL, Gibsy Lisie Soares; VALLE, Taisa Ferro Dalla. Retrato de uma década de pesquisa do POSCOM/UFSM: um olhar para a produção científica da linha de mídia e estratégias comunicacionais. **ANIMUS - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. v. 19, n 40. 2020. DOI: 10.5902/2175497755095. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/55095>. Acesso em: 02 jan. 2022.

FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **A cultura da devoção nas empresas familiares e visionárias: uma definição teórica operacional**. Tese (Doutorado em Administração). UFRGS. Porto Alegre, 2003.

KEGLER, Bruno; CURI, Guilherme Oliveira, HARTMAN, Camila; DEWES, Helyna. A primeira década de produção científica nas pesquisas em mídias e identidades contemporâneas do POSCOM/UFSM. **ANIMUS. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. v. 19, n. 40, 2020. DOI: 10.5902/2175497755159. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/55159>. Acesso em: 02 jan. 2022.

KEGLER, Bruno; LUZ, Ana Javes Andrade da; Pozobon, Rejane Oliveira. Sociedade de Plataformas e os desafios para a Comunicação Pública: o caso da OBCOMP. **Liic em Revista**, v.17, n. 1. P. e5653, 2021. Disponível em <http://revista.ibict.br/liic/article/view/5653>. Acesso em: 02 jan. 2022.

LAKATOS, Marina de Andrade; MARCONI, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MANGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MARBACK, H. F.; MAIA, I.; LADEIRA, R. ANÁLISE DAS AÇÕES AFIRMATIVAS APLICADAS NO TWITTER DO ESPORTE CLUBE BAHIA. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 20, n. 44, 2021. DOI: 10.5902/2175497743347. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/4334>
7. Acesso em: 21 mar. 2022.

MARQUES, Nadianna Rosa. Desastres e a política de saúde: responsabilidades e possibilidades de intervenção. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Serviço Social). PUC. Porto Alegre, 2018. Disponível em <https://hdl.handle.net/10923/12703>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MULLER, Fabrise de Oliveira. **Estratégias discursivas e mercadológicas da Folha de São Paulo na captação do público leitor**. Tese (Doutorado em Comunicação). UFSM. Santa Maria, 2006.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado; BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. **Sobre a possibilidade de ensinar o labor científico acerca da prática metodológica acadêmica**. In: BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; RUBLESCKI, Anelise (Orgs). **Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2014.

SILVA, M. P. da; OLIVEIRA, V. B. de. O BOCA A BOCA: AS CONVERSÇÕES E A VOZ DO CONSUMIDOR NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS – ESTUDO DE CASO DA MARCA ABERCROMBIE. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 18, n. 38,

2019. DOI: 10.5902/2175497732995. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/32995>. Acesso em: 21 mar. 2022.

VERGUEIRO,W.; SANTOS, R. E. dos. Revista Crás!: quadrinhos brasileiros e indústria editorial. **MATRIZES**. v.3, n. 2, p.135-152, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v3i2p135-152. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38264>. Acesso em: 21 mar. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

SOBRE A AUTORA

Gibsy Lisiê Soares Caporal é Professora do Instituto Federal Farroupilha. Administradora (UFN), Mestre em Administração e Competitividade (UFSM). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFSM). Participa do Grupo de Pesquisa Comunicação Institucional e Organizacional (UFSM-CNPq) e do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Local e Inovação (IFFAR-CNPq). Atualmente tem se dedicado ao estudo sobre comunicação e trabalho com a orientação da professora Dra. Maria Ivete Trevisan Fossá.



CAPÍTULO IX

Relato de experiência: utilizando análise de conteúdo na fase exploratória de pesquisas sobre mídias sociais

João Pedro Van der Sand

A popularização de sites de redes sociais como Instagram, Twitter e Facebook abriu um vasto horizonte para as pesquisas em comunicação social. A conectividade permitiu que as pessoas aderissem ao uso de ferramentas comunicativas interativas que as fizeram habitar uma espécie de ambiente de socialização compartilhado por pessoas físicas, marcas, instituições e corporações de todos os tipos – incluindo a imprensa. Este vasto horizonte de pesquisa representa uma nova janela para que os pesquisadores possam observar as práticas comunicacionais de diferentes grupos sociais e organizações.

Por outro lado, o acelerado dinamismo das plataformas, associado à imensa profusão de conteúdos e lógicas algorítmicas variáveis e opacas, tem imposto desafios metodológicos aos pesquisadores. A comunicação nas redes é algo que

salta às vistas, mas por vezes não sabemos como olhar.

Este texto tem como objetivo socializar minhas experiências com o uso da metodologia da análise de conteúdo aplicada a sites de redes sociais. O exercício metodológico que dá origem às reflexões aqui propostas foi realizado na disciplina de Tópicos Especiais III do Doutorado em Comunicação da UFSM no primeiro semestre de 2021. Esta experiência se dá no contexto da realização de minha pesquisa de doutorado, voltada às práticas comunicativas do movimento hip-hop nas plataformas digitais, em uma perspectiva interessada nos usos culturais da comunicação. O uso da análise de conteúdo, nesse contexto, coincidiu com a fase de preparação de meu projeto de tese. Assim, foram realizadas reflexões sobre as possibilidades de aplicação da metodologia em questão em etapas exploratórias de pesquisas sobre comunicação nas redes sociais.

O artigo está estruturado em três segmentos. O primeiro expõe definições amplas da análise de conteúdo, apresentando, também, outras possibilidades de aplicação. Um segundo momento resume a lógica de aplicação do método, dando uma dimensão do tipo de procedimento que será realizado no caso de sua aplicação. A terceira seção procura socializar as vantagens e desvantagens observadas

pelo autor no uso da análise de conteúdo no dado contexto.

Análise de Conteúdo: definições

A obra que serve de base para as reflexões aqui propostas é "Análise de Conteúdo", de Laurence Bardin, publicada originalmente em 1977. A metodologia apresentada neste volume clássico oferece uma série de procedimentos que encoraja e permite a descrição de objetos (e conjuntos de objetos) comunicacionais possibilitando a realização de aferições sobre sua natureza e consequências. Em comparação com a análise de discurso de escola francesa, a análise de conteúdo é mais descritiva e menos interpretativa. Essa diferença, entretanto, não deslegitima esta última em seu potencial de oferecer aprofundamento sobre as condições de produção/recepção e possibilidades semânticas de textos comunicacionais. Uma diferença mais categórica entre as abordagens é a prevalência de uma postura crítica por parte dos pesquisadores que adotam a análise de discurso, o que não se constata na análise de conteúdo.

Embora seja amplamente entendida como uma metodologia para a análise qualitativa de informações, há possibilidade de aplicação de seus procedimentos em pesquisas quantitativas. Enquanto

nessas últimas atenta-se primariamente para a *frequência* com que surgem certas características do conteúdo, nas análises qualitativas procura-se observar a *presença* ou a *ausência* “de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (Bardin, 2002, p. 21).

Segundo Bardin (2002, p. 42), a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Conforme veremos nas seções seguintes, o procedimento padrão da análise de conteúdo são rígidos. Embora possam variar de uma pesquisa para outra, devem ser rigorosamente respeitados dentro de um mesmo estudo, sob risco de invalidação dos resultados, uma vez que não resultaram de procedimentos de análise padronizados. As possibilidades de coleta e produção dos dados a

serem analisados são, entretanto, variadas. Por meio dessa metodologia é possível analisar informações obtidas de diversas maneiras (observação participante, entrevistas, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica etc.).

Um dos fundamentos da análise de conteúdo cristaliza-se na articulação entre duas dimensões dos textos. Conforme Bardin (2002), há “a superfície dos textos, descrita e analisada (pelo menos alguns elementos característicos) e os fatores que determinam estas características, deduzidos logicamente” (p. 40-41).

Com isso, a autora quer dizer que na análise de conteúdo procura-se estabelecer uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados.

Assim, podemos visualizar dois momentos imprescindíveis para a aplicação dessa metodologia: a descrição de um texto (ou conjunto de textos) e a inferência sobre suas condições de produção/recepção. Convém observar que as análises de conteúdo podem variar entre semânticas e sintáticas (ou linguísticas). Enquanto as primeiras miram suas lentes para dimensões temáticas dos textos, as análises sintáticas se debruçam sobre o texto em sua face linguística. Cada variante permite comparações e aferições próprias.

Prática: as etapas da análise de conteúdo

A proposta de análise apresentada por Bardin (2002) constitui-se em três etapas principais: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Assinala-se, agora, de forma resumida, cada uma das fases deste procedimento metodológico.

A primeira etapa, de pré-análise, é também chamada de fase de *organização*. Neste momento, busca-se resolver três questões: a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final (BARDIN, 2002, p. 95). Pode-se dizer que nessa fase do procedimento já há algum tipo de análise em operação, entretanto, não é uma análise sistemática e tão rigorosa quanto a que será executada nas etapas seguintes. Na pré-análise recomenda-se a realização de uma *leitura flutuante* dos materiais a serem analisados – um primeiro contato com os textos a serem abordados – com o intuito de criar as primeiras impressões e orientações sobre o material. Passada esta etapa, parte-se para a escolha dos documentos, momento no qual se realiza um recorte coerente capaz de selecionar e isolar as informações que podem contribuir para a solução do problema de

pesquisa. Essa escolha resulta na *constituição do corpus*.

Recomenda-se que este trabalho de seleção atenda a alguns critérios, denominados por Bardin (2002) como "regras". A regra da exaustividade determina que uma vez definido um *corpus*, não se deve deixar de lado qualquer elemento ou fragmento textual aplicável à seleção, por qualquer motivo que seja. A regra da representatividade atenta para a pertinência do material selecionado frente ao universo que se pretende analisar. Ou seja, a quantidade de conteúdo analisado deve ser suficientemente representativa de um todo (a ser definido pelo pesquisador). Se o material disponível não for representativo deste universo, deve levar em conta a redução do alcance do estudo.

A regra da homogeneidade implica na rigidez no tocante ao formato dos documentos retidos e a presença de elementos que os tornem comparáveis e categorizáveis. Uma vez que as informações serão submetidas às mesmas técnicas de análise, não podem ser demasiadamente singulares. Por fim, a regra da pertinência define que "os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise" (BARDIN, 2002, p. 98).

Durante o procedimento de pré-análise, buscase, também, a elaboração de hipóteses e objetivos

que podem agregar no projeto de pesquisa em questão. Como trata-se de um primeiro contato com determinados conteúdos, apresenta-se a possibilidade de imaginar aferições plausíveis que podem, ou não, se confirmar após a realização da análise.

Por fim, o material selecionado na pré-análise deve passar por um processo de preparação. Aqui Bardin (2002) refere-se a procedimentos práticos que viabilizem o manejo e a categorização do conteúdo sujeito a análise. A exemplo disso poderíamos citar o recorte de reportagens de revista, a transcrição de entrevistas em áudio, ou a organização de depoimentos coletados em pastas.

A fase de exploração do material implica na administração sistemática das decisões tomadas na pré-análise. A leitura flutuante, organização e elaboração de hipóteses e objetivos dá origem à criação de categorias e marcadores sob os quais os documentos serão organizados. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2002, p. 101).

Após a exploração do material, parte-se para o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Se a fase anterior tinha um caráter descritivo, categorizando e agrupando os documentos de acordo

com critérios estabelecidos, esta etapa preocupa-se com a realização de inferências sobre os resultados. A partir da visualização destes resultados e organização descritiva, o conteúdo deve “falar coisas novas”, abrindo possibilidade de uma interpretação mais profunda do que a leitura simples e individual dos documentos.

O uso da análise de conteúdo em etapas exploratórias de pesquisas sobre redes sociais

Nesta seção busco compartilhar minhas impressões sobre o uso da análise de conteúdo durante a fase exploratória de minha pesquisa de doutorado. Assim, cabe uma breve introdução sobre essa pesquisa – mais ampla – que foi enriquecida pelo uso da metodologia em questão. Buscando compreender as dimensões culturais da comunicação do movimento hip-hop nas plataformas digitais, compreendi que precisava me inserir no campo. O termo “campo”, aqui empregado, não é por acaso. Minha orientação teórico-metodológica de base (sob a qual desenvolvi minha dissertação de mestrado) é a etnografia. Ou seja, entendo as mídias sociais como um campo, um lugar de interação a ser, mais que observado, habitado.

A ideia de realizar uma análise de conteúdo surgiu como uma forma de realizar uma entrada em

campo mais qualificada. Se por um lado a observação participante pode dar origem a *insights* preciosos, fruto da sensibilidade de quem está participando do calor dos acontecimentos, a análise de conteúdo me ofereceu ferramentas para uma compreensão mais ampla (panorâmica) sobre meu campo. Realizei uma análise sobre as publicações do perfil @rap.forte no Instagram. Minha intenção era compreender o tipo de comunicação veiculada pelo perfil durante o primeiro mês da pandemia da covid-19 no Brasil – março de 2020. Estes dois recortes – temporal e temático – foram o ponto de partida para que eu colocasse a análise em prática.

Após realizar uma seleção de todo o material publicado pelo perfil no mês em questão, realizei a leitura flutuante de seu conteúdo, e ali já encontrei algumas recorrências que poderiam me render inferências sobre o tema. O *corpus* total nessa etapa foi de 210 publicações – todas realizadas pelo perfil no mês de março de 2020. Realizando a leitura (textual e imagética) deste material (posts com fotos e vídeos) me chamou atenção a presença de dois elementos: contestação política e humor. Aqui vale ressaltar como um método supostamente “rígido” como a análise de conteúdo é capaz de surpreender o pesquisador. Não estava nos meus planos realizar uma análise sobre a relação entre política e humor no contexto da covid-19 em uma página de hip-hop.

Essa etapa de pré-análise termina quando defino as duas principais categorias de análise. Das 210 publicações, seleciono apenas aquelas que contêm elementos de humor e contestação política. Nota-se que aqui há um critério subjetivo praticamente incontornável, uma vez que o que é considerado humorístico para um, pode não ser para outro. Assim, procurei justificar minha seleção a partir de critérios pretensamente objetivos. Apesar disso, aproveito para ressaltar (com certo teor opinativo) que a presença de critérios subjetivos não macula o rigor científico do trabalho, sobretudo diante de uma preocupação com a justificativa de cada escolha metodológica tomada.

Procurando encontrar recorrências que revelassem mais informações sobre a articulação de política e humor, cheguei a um *corpus* de 27 publicações, e construí tabelas que detalhavam questões como: a presença de nomes de políticos ou partidos, o teor político das publicações (se contestatório, reivindicatório ou de advertência), e a presença ou ausência de elementos como o humor e a própria música hip-hop.

Cabe ressaltar que utilizei a metodologia em caráter exploratório do campo de pesquisa. Ou seja, não cheguei ao objeto com questões e categorias prontas (exceto pela temática da covid-19), mas busquei encontrar os elementos temáticos presentes

nele. Assim, a etapa de pré-análise foi especialmente rica, já que a leitura flutuante do material selecionado suscitou o desenvolvimento de reflexões sobre as temáticas encontradas. Ressalto, portanto, que tudo teria sido diferente se eu tivesse utilizado a análise de conteúdo a fim de encontrar recorrências sobre temas específicos.

A realização da análise permitiu algumas inferências importantes sobre a postura do perfil @rap.forte como representante do movimento hip-hop nas mídias sociais, seu teor de politização, e a utilização do recurso do humor. Além disso, uma análise dessa dimensão me colocou em contato com inúmeras sutilezas presentes em narrativas que dialogam tanto com o movimento hip-hop quanto com as culturas digitais, notadamente, a cultura participativa. Ficou claro, entretanto, que a aplicação dessa metodologia, da forma como realizamos, não permitiu inferências mais específicas sobre, por exemplo, o tipo de humor praticado pelo perfil, e as intenções envolvidas na veiculação das informações.

Ressalto também algumas dificuldades encontradas, as quais precisei contornar com certos improvisos técnicos. A plataforma Instagram não oferece nenhuma ferramenta de pesquisa que selecione e apresente ao usuário as postagens de períodos específicos. Assim, despendi um bom tempo navegando pelo site até chegar nas postagens

antigas. Após isso, realizei capturas de tela que contemplassem a imagem e legenda de cada publicação. No caso de vídeos, precisei baixá-los com aplicativo externo. O trabalho de “manuseio” do *corpus* de pesquisa é previsto na análise de conteúdo, e é sabidamente trabalhoso.

Meu apontamento, nesse sentido, diz respeito à crescente dificuldade que pesquisadores têm relatado sobre o acesso a dados em sites de redes sociais. O uso de softwares tende a facilitar e qualificar o trabalho do analista de conteúdo. Entretanto, vale ressaltar que isso não exime o pesquisador da realização de uma pré-análise meticulosa, capaz de gerar um corpus de pesquisa relevante. Diante de plataformas cada vez mais dinâmicas que mudam seus mecanismos frequentemente, cabe ao pesquisador um rigor metodológico que seja capaz tanto de prever esses desafios técnicos quanto relatá-los como resultados da pesquisa.

Referência

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2002.

SOBRE O AUTOR

João Pedro Pacheco Van der Sand é Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Integrante do Grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais (UFSM/CNPq). Seus atuais interesses de pesquisa são voltados à música e às práticas comunicativas da cultura hip-hop nas plataformas digitais.



“[...] Este livro resulta de relações conectadas, constituídas na disciplina de Tópicos Especiais em Comunicação III, lecionada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), no primeiro semestre de 2021.”

“O objetivo principal do e-book é o de inventariar relatos de pesquisa, sejam elas concluídas ou em curso, sob a premissa de que a socialização das relações com o método, o objeto empírico e o referencial teórico permite a oferta de percursos que podem ser auxiliares a outros estudos.”

Bruno Kegler

